



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

JEANNE DO NASCIMENTO REZENDE

**A ESTAÇÃO SÃO FRANCISCO NOS TRILHOS DO TEMPO: UMA ABORDAGEM
AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA**

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2024

JEANNE DO NASCIMENTO REZENDE

**A ESTAÇÃO SÃO FRANCISCO NOS TRILHOS DO TEMPO: UMA ABORDAGEM
AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ensino de História.

Linha de pesquisa: Linguagens e narrativas históricas: produção e difusão.

Orientadora: Prof^a. Dra. Andreza Santos Cruz Maynard

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2024

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

R467e Rezende, Jeanne do Nascimento.
A estação São Francisco nos trilhos do tempo: uma abordagem audiovisual como ferramenta pedagógica para o ensino de História / Jeanne do Nascimento Rezende; orientadora Andreza Santos Cruz Maynard. – São Cristóvão, SE, 2024.
95 f.: il.

Dissertação (mestrado profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. História – Estudo e ensino. 2. Ferrovias - Sergipe. 3. Patrimônio cultural. 4. Recursos audiovisuais. I. Maynard, Andreza Santos Cruz, orient. II. Título.

CDU 930.2(813.7)

JEANNE DO NASCIMENTO REZENDE

**A ESTAÇÃO SÃO FRANCISCO NOS TRILHOS DO TEMPO: UMA ABORDAGEM
AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História. Dentro da Linha de pesquisa: Linguagens e narrativas históricas: produção e difusão. Orientada pela Prof^a Dra. Andreza Santos Cruz Maynard.

Aprovada em 23 de 02 de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Andreza Santos Cruz Maynard
Universidade Federal de Sergipe – UFS
(orientadora)

Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard
Universidade Federal de Sergipe – UFS
(Avaliador interno ao programa)

Prof. Dr. Hamilcar Silveira Dantas Junior
Universidade Federal de Sergipe – UFS
(Avaliador externo ao programa).

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2024

Dedico este trabalho às educadoras brasileiras, às mulheres cientistas e à minha educadora primordial, minha mãe, Dircilene Maria do Nascimento Rezende, por estar sempre presente em amor e incentivo.

AGRADECIMENTOS

À minha família, amigos e amigas, em especial à Tânia Cristina e Gilvani Alves, que acolheram meus sonhos e acompanharam cada passo da minha jornada no ProfHistória. Aos que ajudaram a me manter em equilíbrio e com saúde mental, fatores essenciais no cenário pós-pandemia e, aos colegas de trabalho, sem os quais não poderia atravessar os momentos de incerteza, uma vez que eles me incentivaram e contribuíram com a pesquisa,

Ao PROFHISTÓRIA, em toda sua estrutura: colegas, funcionários e docentes. Em especial, a Itamar Freitas e Mariana Bracks que me trouxeram a desconstrução de conceitos e me permitiram assim, refletir mais e melhor sobre a minha prática docente.

À minha orientadora, Andreza Santos Maynard a quem agradeço a serenidade e a paciência em acreditar na construção desse trabalho como uma contribuição à pesquisa acadêmica.

À minha turma, composta por professores brilhantes, que compartilharam de ideias e práticas pedagógicas variadas, enriquecendo a minha aprendizagem. Admiro cada um deles pela sensibilidade, inteligência, perspicácia e sabedoria diante dos desafios acadêmicos vividos.

Aos queridos Douglas, Viviane, Joane, Johnny, Eduardo e Verônica, que me acompanharam mais de perto em diálogos francos e cheios de empatia, dividindo momentos especiais em minha memória.

Aos entrevistados Sr. João Batista de Oliveira e Srta Jaqueline Acioli, pela gentileza e compreensão acerca da pesquisa sobre a história local.

À Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer de Alagoinhas e ao Hotel Absolar pela cessão dos respectivos espaços para a realização das entrevistas.

“Ói, oia o trem, vem surgindo de trás das montanhas
Azuis, olha o trem
Ói, oia o trem, vem trazendo de longe as cinzas do
Velho Aeon
Ói, já é vem, fumegando, apitando, chamando os que
Sabem do trem
Ói, é o trem, não precisa passagem nem mesmo bagagem no
Trem
Quem vai chorar, quem vai sorrir?
Quem vai ficar, quem vai partir?
Pois o trem está chegando, tá chegando na estação
É o trem das sete horas, é o último do sertão
Do sertão.”

(Canção “O trem das 7”, de Raul Seixas)

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de estudo a Estação São Francisco em Alagoinhas (BA), que funcionou como parada de trens de passageiros entre 1863 e 1989. Para isso, além da reflexão sobre as relações entre o cinema e o ensino de história, desenvolveu-se um produto audiovisual acerca desse monumento histórico-cultural. O produto audiovisual foi desenvolvido no formato de um documentário de curta duração, acessível por QR Code. O objetivo geral desse trabalho é, portanto, demonstrar aos professores de história o potencial do recurso audiovisual para contextualizar a história local em sala de aula. Por este motivo, a pesquisa utilizou como referências teórico-metodológicas, autores como Jörn Rüsen (2010), Marc Ferro (1992), Jaqueline Zarbato (2018), Marcos Napolitano (2010), entre outros autores pertinentes ao desenvolvimento de nossa pesquisa. O estudo busca contribuir com o ensino de história, valorizando a fonte histórica local e integrando a identidade regional. Além disso, busca analisar o uso do audiovisual no ensino contemporâneo da disciplina, voltando-se aos estudantes do ensino básico e, utilizando, para tal, meios digitais acessíveis, que possam desenvolver habilidades e competências significativas para o ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino de história. Patrimônio ferroviário. Audiovisual. Estação São Francisco.

ABSTRACT

The present dissertation has as its object of study the São Francisco Station in Alagoinhas (BA), which functioned as a passenger train stop between 1863 and 1989. To this end, in addition to reflecting on the relations between cinema and the teaching of history, an audiovisual product was developed about this historical-cultural monument. The audiovisual product was developed in the format of a short documentary, accessible by QR Code. The general objective of this work is, therefore, to demonstrate to history teachers the potential of audiovisual resources to contextualize local history in the classroom. For this reason, the research used as theoretical-methodological references, authors such as Jörn Rüsen (2010), Marc Ferro (1992), Jaqueline Zarbato (2018), Marcos Napolitano (2010), among other authors pertinent to the development of our research. The study seeks to contribute to the teaching of history, valuing the local historical source and integrating the regional identity. In addition, it seeks to analyze the use of audiovisual in the contemporary teaching of the discipline, focusing on students of basic education and, for this, using accessible digital media, which can develop significant skills and competencies for teaching-learning.

Keywords: History teaching. Railway heritage. Audiovisual. San Francisco Station.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Via férrea Salvador – Juazeiro (1954)	35
Figura 2 – Estação São Francisco, por volta de 1900. (Acervo Público Mineiro)	36
Figura 3 – Casas ao redor da Oficina da “Leste” de Aramari (BA)	36
Figura 4 – Mapa da malha ferroviária brasileira, 1954	37
Figura 5 – Estação São Francisco (1980)	51
Figura 6 - Oficina de audiovisual no CETIPMCS.....	61
Figura 7 - Produção 1.....	63
Figura 8 – Produção 2	64
Figura 9 – Produção 3.....	65
Figura 10 – Produção 4	66
Figura 11 - Produção 5	67
Figura 12 - Produção 6.....	68
Figura 13 - Produção 7.....	69
Figura 14 - Frame de apresentação 01	71
Figura 15 - Frame de apresentação 02.....	71
Figura 16 - Frame de apresentação 03.....	72
Figura 17 - Frame de apresentação 04.....	72
Figura 18 - Frame de apresentação 05.....	73
Figura 19 - Frame de apresentação 06.....	73
Figura 20 – Folder (frente).....	74
Figura 21 – Folder (verso)	75

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Habilidades a serem adquiridas durante o Ensino Médio.....	32
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BNDS	Banco Nacional de Desenvolvimento Social
CEPTIMCS	Colégio Estadual de Tempo Integral Professora Maria do Carmo Santana
EBAC	Escola Britânica de Artes Criativas & Tecnologia
FCA	Ferrovias Centro Atlântica
FIGAM	Fundação Iraci Gama
GEPEA	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alagoinhas e região
IPHAN	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural Nacional
MEC	Ministério da Educação
NEPETES	Núcleo de Pesquisa e Estudos em Teoria Social da Universidade Federal Fluminense
PND	Programa Nacional de Desestatização
RFFSA	Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
URCA	Universidade Regional do Cariri

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. A FERROVIA COMO FONTE HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: ENTRE TRAJETÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS.....	17
1.1 Ensinar História: lugares, experiência e memória	17
1.2 Patrimônio histórico e a aprendizagem histórica significativa	25
1.3 O ensino de história e a importância da perspectiva da educação patrimonial.....	33
1.4 Educação, História e Cinema: uma abordagem analítica sobre a linguagem cinematográfica ..	41
2. O EXERCÍCIO DA MEMÓRIA PELO VIÉS SOCIAL	48
2.1 História local, memória e aprendizagem significativa	48
2.2 A estação ferroviária São Francisco (Alagoinhas/BA) e a representação do tempo de um lugar – abordagens teórico-metodológicas.....	53
3. A PRODUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A ESTAÇÃO SÃO FRANCISCO EM ALAGOINHAS (BA)	58
3.1 O processo metodológico da pesquisa científica na elaboração de um produto audiovisual em sequência	58
3.2 Etapas da produção audiovisual sobre a estação São Francisco: do roteiro à pós-produção.....	70
3.3 <i>BÔNUS TRACK</i> : Encarte educativo de divulgação do produto	74
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS	78
ANEXO A - NOTIFICAÇÃO DA TRANSFERÊNCIA FORMAL PARA O PATRIMÔNIO DA UNIÃO DA ESTAÇÃO SÃO FRANCISCO (2008)	82
ANEXO B - SOLICITAÇÃO DE RESTAURAÇÃO AO IPHAN (2013) – FOLHA 01	83
ANEXO C - SOLICITAÇÃO DE RESTAURAÇÃO AO IPHAN (2013) – FOLHA 02	84
ANEXO D - SOLICITAÇÃO DE RESTAURAÇÃO AO IPHAN (2013) – FOLHA 03.....	85
ANEXO E - FORMULÁRIO SOBRE HISTÓRIA LOCAL PRODUZIDO PELA AUTORA – FOLHA 01	86
ANEXO F - FORMULÁRIO SOBRE HISTÓRIA LOCAL PRODUZIDO PELA AUTORA – FOLHA 02	87
ANEXO G - FORMULÁRIO SOBRE HISTÓRIA LOCAL PRODUZIDO PELA AUTORA – FOLHA 03	88
ANEXO H - FORMULÁRIO SOBRE HISTÓRIA LOCAL PRODUZIDO PELA AUTORA – FOLHA 04	89
ANEXO I - FORMULÁRIO SOBRE HISTÓRIA LOCAL PRODUZIDO PELA AUTORA – FOLHA 05	90
ANEXO J - SOLICITAÇÃO PARA LOCAÇÃO E FILMAGENS NA ESTAÇÃO SÃO FRANCISCO (2023)	91
ANEXO K - DOCUMENTO DE SOLICITAÇÃO DE ENTREVISTA À SECRETÁRIA DE CULTURA ESPORTE E TURISMO DE ALAGOINHAS (BA) (2023).....	92
ANEXO L - DOCUMENTO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO CONFORME A LGPD93	

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é identificar a Estação Ferroviária São Francisco como objeto de pesquisa da história local e, esta última, como fonte para o ensino de história no ensino básico. Para isso, abordamos o período entre 1863 e 1989, em que a referida estação funcionava como parada de trens de passageiros. Nessa direção, estruturamos pílulas documentais, com base nos fatos históricos sobre nosso objeto de estudo, construindo um material audiovisual como ferramenta pedagógica auxiliar às metodologias de ensino-aprendizagem para o ensino de história, a partir da utilização de fontes históricas locais.

A concepção de tal pesquisa apoiou-se na constatação de que a fonte histórica local, seja ela um monumento ou a oralidade, remete a um contexto que suscita curiosidades e questionamentos sobre as referências do passado, bem como as consequências deste, no tempo presente. Assim sendo, a partir da problematização acerca do valor do patrimônio histórico e cultural reflete-se sobre a memória como processo histórico, construído a partir de práticas sociais ao longo do tempo.

Por esse e outros motivos, com foco em um espaço público local, a pesquisa pretende desenvolver um produto audiovisual como ferramenta de ensino aprendizagem para professores de história. Assim, utiliza-se da materialidade da fonte histórica para elaboração de estratégias didáticas que aproxime a sala de aula com o cotidiano dos(as) alunos(as), valorizando a história local ou regional, com métodos e técnicas apropriados ao ensino-aprendizagem, para explicar a relação dos seres humanos com o tempo.

A escolha por tal recorte e aplicação da pesquisa em sala de aula, fundamenta-se no fato de que sou professora da rede estadual da Bahia desde 2001, residente em Alagoinhas com a trajetória em três cidades diferentes, Esplanada, Inhambupe e Aramari, esta última onde estou atualmente lecionando no Colégio de Tempo Integral Professora Maria do Carmo Santana. Sempre percorrendo a região território e identidade Litoral Norte e Agreste baiano, acumulando dados e reflexões sobre as histórias dessas localidades.

Ainda de acordo com essa trajetória docente, experimentei também lecionar na rede pública municipal de Esplanada de 2001 a 2007 e na Faculdade Santo Antônio como professora de Ciência Política, no curso de administração. Diante disso e, sabendo que o ser humano é a construção de suas próprias experiências e tudo que produz se traduz na história, essas experiências elaboraram, ao longo dessa jornada pela educação, a forma como vejo o mundo e leciono história.

Ao refletir sobre como levar para a sala de aula modos de ver a história em sua materialidade, isto é, de como mostrar que todos os seres humanos são agentes da história e, portanto, construtores das transformações, rupturas ou continuidades do mundo como se conhece no presente, o audiovisual surgiu como alternativa a esses questionamentos. Essa escolha se fundamentou, também, nas observações que empreendi em sala de aula ao decorrer dos anos, nas quais me deparava, por vezes, com o olhar de curiosidade e fascinação dos estudantes diante de filmes, animações e imagens que levava nas minhas aulas, afinal “O cinema não é apenas uma forma de expressão cultural, mas também um meio de representação”, como diz João D’Assunção Barros em *Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmica* (2011, p. 179).

A motivação para a escrita deste trabalho veio, portanto, das observações de minha experiência docente e da memória imagética dos filmes assistidos por mim, desde criança, principalmente na TV. Tais referências trabalharam aspectos da história e da imaginação, transbordando no imaginário infanto-juvenil desde “Tempos Modernos” com Charles Chaplin, exibido muitas vezes na “Sessão da Tarde” na Rede Globo, ou mesmo com a exibição de filmes clássicos do cinema *hollywoodiano*.

Como na ficção tudo é possível, a arte cinematográfica mobiliza emoções a partir das imagens. Por exercer a possibilidade de construir e desconstruir narrativas, os filmes e documentários, curtos ou longos, trazem um universo de possibilidades à imaginação. Assim sendo, a partir do momento em que a sensibilidade aguça aos sentidos, as representações de um tempo, de um lugar, de uma memória ou de um silenciamento são sedimentadas ou não.¹

Essa experiência como expectadora, aliada ao estímulo da curiosidade teve um encontro crucial com a carreira profissional de docente. Dito isto, através da intenção de conectar o audiovisual como ferramenta para o ensino de história e, o monumento da localidade como foco de estudo sobre educação patrimonial, fundamenta-se, então, esta pesquisa, cujo produto é um material audiovisual.

No que diz respeito à Estação São Francisco é preciso se dizer que ela é, atualmente, um monumento tombado, por este motivo ela constitui-se como objeto dessa pesquisa, dada sua importância como patrimônio histórico municipal de Alagoinhas e região, bem como pelo

¹Curioso que no Brasil dos anos 1960 e 1970 existiam cinemas nas cidades do interior, como em Alagoinhas, por exemplo, que tinha dois cinemas ativos e, depois disso se reduz a zero nos anos seguintes. Existiam “os cines azi” e capitólio conforme cita a autora Mayara Mychella Sena Araújo, no artigo “A estrada de ferro Bahia ao São Francisco e a configuração urbana da cidade de Alagoinhas-Bahia”, publicado em meio eletrônico nos Anais do ENANPUR, encontro nacional da ANPUR, v. 12 n. 1, Belém – maio de 2007.

potencial em desenvolver, em seu interior, um museu, um teatro, uma escola de Belas Artes, ou mesmo um centro de estudos ferroviários, conectado com a sua utilidade social.

Compreendendo-a enquanto monumento representativo de um tempo e, determinante para a divisão territorial do espaço urbano, acredita-se que sua preservação demonstraria uma ponte, entre a necessidade de se revisitar as referências do passado e a de ressignificar, no presente, as possibilidades de um futuro de celebração da memória local.

Diante de tais questões, ou seja, de enfoque do objeto, de metodologia e de métodos de aplicação em sala de aula, deve-se dizer, ainda, que as fontes utilizadas para a dissertação foram provenientes de arquivos públicos do IPHAN (Salvador), arquivos da Prefeitura Municipal de Alagoinhas, Acervo da FIGAM (Fundação Iraci Gama), Biblioteca Pública Municipal Maria Feijó, arquivos pessoais em fotos, vídeos e documentos, bibliografia relevante, periódicos localizados entre a Biblioteca Pública Maria Feijó(Alagoinhas), a própria Estação São Francisco (Alagoinhas).

Além disso, valemo-nos de entrevistas, questionários aplicados e realização da oficina “Um olhar da memória de um lugar”, que serviu como experimento no CETIPMCS. Esta última voltada aos estudantes do Ensino Médio e professores desta escola, fazendo parte dos dados coletados e incluídos nesta dissertação.

Nessa direção, um detalhe considerável foi a mobilização em torno da mudança de prédio do CETIPMCS, do antigo espaço, para um novo. Isso trouxe um ritmo diferenciado para o desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista que não havia a possibilidade de incluir alguns tipos de atividades no que vamos chamar de prédio antigo, por não haver condições objetivas de realização, em virtude de instabilidade na rede elétrica. Por esse motivo, a oficina de audiovisual, por exemplo, precisou ser adiada de outubro de 2022 para julho de 2023, já no novo prédio.

O caminho percorrido nesse trabalho está, portanto, distribuído em três capítulos, conforme informado no sumário. No primeiro capítulo, intitulado “Educação patrimonial: a ferrovia como fonte histórica no ensino de história”, trata-se da conexão entre a educação patrimonial, a história local e a importância do ensino de história, além da aprendizagem como processo significativo para a conscientização histórica, sobre patrimônio e sobre a memória das pessoas. O mesmo capítulo traz, ainda, uma breve análise sobre a relação entre o cinema e a história.

No segundo capítulo, “O exercício da memória pelo viés da história local”, discute-se o monumento em si e o uso social do espaço urbano, a base teórico-metodológica, bem como a escolha de um produto audiovisual como ferramenta pedagógica para o ensino de história. Já

no terceiro capítulo, “A produção de pílulas documentais sobre a Estação São Francisco em Alagoinhas (BA)”, descreve-se as etapas de elaboração do produto em si, desde a pré-produção, roteiro e locação, até a conclusão do produto (ou pós-produção) e distribuição a qual se pretende, de forma acessível, através de *QR-code*, o qual seria inserido em um encarte e distribuído, a princípio, às instituições de caráter educativo, histórico e patrimonial.

O produto audiovisual sobre a Estação São Francisco, portanto, consiste numa ferramenta prática e pedagógica que se soma às demais fontes históricas existentes no sentido de demonstrar, valorizar a identidade territorial e se apropriar de elementos do mundo digital. Nosso intuito é de que os professores de história possam utilizá-lo em suas aulas, obtendo referências do passado através de elementos contemporâneos de comunicação, uma vez que, entre os jovens, o audiovisual tem ganhado espaço com o uso das chamadas redes sociais e de aplicativos de produção de vídeos (*Climpchamp*, *Inshot*, *Canva*, etc.).

1. A FERROVIA COMO FONTE HISTÓRICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: ENTRE TRAJETÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS

1.1 Ensinar História: lugares, experiências e memórias

Este primeiro capítulo traz a da ferrovia como objeto de pesquisa da história local a partir da Estação Ferroviária São Francisco como um monumento que representa um marco histórico na construção de uma identidade urbana. Também compõe este capítulo, experiências da autora enquanto professora e sua trajetória na rede pública no estado da Bahia. Entre leituras, experimentos, estudos de fontes históricas e práticas pedagógicas o foco na difusão do conhecimento sobre a história local e sua aplicação no ensino de história é o ponto de partida pelo qual o objeto desta pesquisa se referencia.

Então, este capítulo dispõe de pontos essenciais ao desenvolvimento da pesquisa: a percepção de experiências obtidas ao longo da carreira docente da autora no ensino básico público, a construção da representação da memória local através da identificação de um patrimônio histórico material na Estação Ferroviária São Francisco ao longo do tempo, o componente da identidade local considerando saberes e práticas da transformação do espaço urbano a partir da implantação da ferrovia e a realização de um produto audiovisual como proposta de uma ferramenta pedagógica para uso dos professores.

O caminho percorrido na produção desta dissertação inclui a descrição geográfica, pois a implantação da ferrovia na região do Litoral Norte e Agreste baiano implicou numa transformação do espaço geográfico da cidade a partir da construção da estação ferroviária e toda a movimentação em seu entorno.

Um aspecto relevante é a pesquisa imagética, abrangendo fotos do período entre 1863 e 1889, quando a estação citada operou o transporte de passageiros. O desenvolvimento urbano deste tempo também engloba a cultura fotográfica e cinematográfica. Estes dois últimos motivos ligados à cultura contemplam em parte a escolha da autora pelo produto ser um audiovisual

No item “Educação, história e cinema: uma abordagem analítica sobre a linguagem cinematográfica”, uma reflexão sobre a relação entre cinema e história traz a questão da abordagem do cinema enquanto fonte histórica e suas possibilidades, potenciais e autores que escrevem e debatem a produção historiográfica nesse sentido. O exercício da memória no fazer o ensino de história assim a identificação do objeto de pesquisa e suas potencialidades no

desenvolvimento da dissertação e do produto são premissas são premissas descritas ao longo deste capítulo.

Desde o primeiro dia de aula como professora de história, na rede estadual da Bahia, em 2001, as inquietações seguiram presentes para tentar instigar os estudantes ao conhecimento acerca das ações da humanidade através do tempo. Dessa forma, ao longo da minha trajetória no magistério, os registros de vinte anos de ensino agregaram, à memória, experiências, desafios e lugares nos quais ensinar e aprender foram se tornando um campo fértil de novidades.

Cada questionamento ou indagação durante as aulas repercutiram na renovação da metodologia, ano após ano. Ao longo do tempo, no entanto, a percepção de que ensinar e aprender se tornou um dilema e uma necessidade, cabia a mim, como professora de história, buscar o lugar das Ciências Humanas na aprendizagem de crianças e jovens, principalmente por me deparar constantemente com a pergunta: “Para que serve a história, professora?”

Além disso, assim que entrei na escola pública, via como um problema utilizar o tempo de cinquenta minutos de aula para escrever no quadro ao invés de discutir e ampliar o entendimento dos assuntos ou conteúdos da disciplina história. Associada a tal questão, também entrou a paixão pelas artes cinematográficas, ou seja, o cinema enquanto produção capaz de movimentar opiniões, sentidos, sensações, informações, curiosidades, paisagens, pensamentos, questões da existência humana, enfim, aspectos complexos da interação entre pessoas, conectadas através da visualização de mundos diferentes.

As imagens em movimento e as experiências docentes foram, portanto, os principais combustíveis para a curiosidade. A minha geração, a geração X, foi a primeira a ter acesso à TV com frequência cotidiana, em uma época em que as narrativas por imagem, como as histórias em quadrinhos, por exemplo, eram um sucesso absoluto de leitura entre as crianças e jovens. Aliás, é importante compreender que cada geração tem um tipo diferente de interação com as imagens. As gerações correspondem a: Veteranos (nascidos antes e durante a II Guerra Mundial, até 1945); *Baby boomers* (nascidos entre 1945 e 1960); Geração X (nascidos entre 1960 e 1980); Geração Y, (nascidos entre 1978 e 1994, podendo chegar até 2000) e, a Geração Z, (nascidos a partir de 2001). Já as gerações Polegar e Alfa, ambas correspondem a quem nasceu imerso nas tecnologias digitais, sendo que os indivíduos da Alfa são os filhos da Y, chamados *Millennials* ²

² Para saber mais sobre os conceitos de gerações indica-se aqui Thais Zaninelli, a partir do texto “Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z, Geração Polegar e Geração Alfa: perfil geracional dos atuais e potenciais usuários das bibliotecas universitárias”, presente na revista **Brazilian Journal of Information Studies: Research trends**, vol.x, publicação contínua 2022, e 02143. DOI: 10.36311/1981- 1640.2022.v16.e02143

Visto a diferença entre as gerações, cabe refletir sobre como acontece, em cada uma delas, os processos de interação e o uso das redes sociais, da internet. Dessa maneira, podemos identificar as melhores ferramentas de produção de materiais para o ensino-aprendizagem, além de poder proporcionar uma interação efetiva entre dois elementos, os saberes cotidianos e o conhecimento sistematizado.

Um exemplo que trago sobre essa forma efetiva de junção, entre os dois elementos supracitados, é o cientista Carl Sagan³, pois as imagens estelares da série *Cosmos* jamais saíram da minha memória. Da mesma forma as imagens de pinturas famosas (A Mona Lisa, Afrescos da Capela Sistina, etc.) presentes nos livros didáticos de história, estas eram as que mais gostava de ver. Por despertar a minha curiosidade em conhecer mais detalhes, ficava imaginando como cada uma daquelas pessoas tinha feito a sua obra de arte.

Ainda nessa direção, algumas circunstâncias próprias de práticas de ensino em escolas públicas trouxeram ainda mais tempero aos pensamentos e interesses acerca desse tema. Um exemplo disto foi levar filmes (uma das minhas paixões) para as salas de aula, trabalhando com uma análise mais crítica das escolhas dos cineastas sobre determinadas abordagens históricas.

Balizada por um roteiro previamente escrito com ficha técnica e questões para testar os olhares e ouvidos diante da sétima arte, a experiência foi feita a partir de uma observação, a da reação dos estudantes a determinadas cenas. Com essa perspectiva, ficou nítido de que, naquela ocasião, estava registrada uma percepção da história em determinado tempo e espaço.

O encantamento em ver, nas descobertas juvenis, que é possível entender a matéria de História a partir de uma relação com o que nós construímos, isto é, perceber um filme como fonte histórica e um recurso didático, como proposto neste trabalho. Dito isto, assim como uma casa antiga, uma fotografia de um parente falecido, uma vaquejada na cidade, um circo que se apresenta na cidade vez ou outra com seus personagens, uma feira de produtos da roça, enfim, tudo que os seres humanos produzem é uma parte importante que compõe a engrenagem da vida humana ao longo do tempo, o cinema pode funcionar como elo de representação, entre a vida cotidiana e a reflexão histórica.

Diante das minhas experiências como professora, no entanto, também reproduzi algumas práticas não tão interessantes, tais como seguir à risca o livro didático – de forma pouco crítica – e, também, escrever no quadro durante boa parte da aula. Em parte era para

³Carl Edward Sagan (1934-1996) foi um astrônomo e biólogo norte-americano, autor de diversas obras sobre a relação dos seres humanos com o universo. Protagonizou nos anos 1980 uma série de TV de nome *Cosmos*, homônima a um de seus livros e principal divulgadora das ciências em todos os tempos, sobretudo para crianças.

diminuir o tempo de questionamento dos estudantes e também uma forma de manter o controle sobre as classes escolares, às quais eram designadas para mim.

A reprodução de tal modo de ensinar, ainda achando que era o correto à época, fazia com que os estudantes passassem de uma série à outra, mas não despertava o interesse deles. Vislumbrando outras possibilidades frente à necessidade de uma aprendizagem mais crítica, inclusive autocrítica, a ideia de querer despertar o interesse pelo ensino de história, motivou-me a seguir, (re)aprendendo e ensinando.

Dessa maneira, com as especializações *lato sensu*, pude realizar a pesquisa de forma a entender os processos metodológicos com mais clareza. As leituras puderam ser mais detalhadas e a finalidade da monografia foi ficando menos complicada. Além disso, a formação continuada obtida através de algumas propostas da rede estadual da Bahia, na qual leciono desde 2001, também fizeram diferença, assim como a experiência de três semestres como professora de Ciência Política no curso de Administração na Faculdade Santo Antônio.

Outra questão que fez e faz a diferença é o fato de que nunca trabalhei na mesma cidade em que resido. Do início da carreira até os dias atuais, já trabalhei em três cidades diferentes, sempre estive em trânsito no interior da Bahia. Ouvir e conversar com pessoas no transporte intermunicipal, portanto, também fez a sua parte neste compilado de experiências.

Foi assim que tomei contato com as histórias locais envolvendo as ferrovias. Atravessada por linhas férreas, a região do Litoral Norte e Agreste guarda memórias de tempos de chegadas e partidas de pessoas nas estações ferroviárias de cada lugar. Aliás, não faltam canções que fazem esse tipo de referência na música popular brasileira. Tais como: “O trem das 7”, de Raul Seixas, “Trem das onze”, de Adoniram Barbosa, “Encontros e despedidas” de Fernando Brant e Milton Nascimento. Respectivamente de 1974, 1964 e 1985. Vejam abaixo um trecho desta última recentemente interpretada por Milton Nascimento em 1990 e pela cantora Maria Rita em 2014:

E assim chegar e partir
São só dois lados da mesma viagem
O trem que chega é o mesmo trem da partida
A hora do encontro é também despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida
É a vida desse meu lugar
É a vida.⁴

⁴ A canção *Encontros e despedidas* corresponde a faixa 8 do álbum *Encontros e despedidas*, de Milton Nascimento, lançado em 1985 pela gravadora Polygram. A mesma canção foi gravada pela cantora Maria Rita, correspondendo

A poesia, oriunda do cotidiano, carrega peças da memórias, sintetizadas em palavras, como nas canções do compositor baiano Raul Seixas, – que era filho de um engenheiro da Estrada de ferro – entre elas “Trem das 7”, música que tem como base suas viagens de trem pelo interior da Bahia, além de reflexões sobre a vida, como ele mesmo descreve em entrevista à Rádio Cultura AM de São Paulo em 1976.⁵

Nesse sentido, a partir de diferentes panoramas, aos quais me vi próxima e, que norteiam a pesquisa descrita, a utilização da fonte histórica local torna-se elemento central no rol educativo das aulas de história. Em busca de cumprir tal objetivo, a partir da observação das cidades às quais estou em constante deslocamento, me deparei com o fato de que, em geral, o patrimônio histórico ou não é preservado ou é relegado ao plano de uma ruína, que remete ao passado. Por esse motivo, o enfoque deste trabalho, pois o desenvolvimento do transporte na região do Litoral Norte e Agreste Baiano surgiu como uma questão que permeia toda a história da localidade, atravessando a vida do povo daquela região.

Na cidade de Alagoinhas, onde moro, o transporte ferroviário é um marco divisor na história do município, inclusive do ponto de vista geográfico. Nela, há 151.055 pessoas residentes, segundo dados do censo de 2022 do IBGE⁶. Além disso, é considerada um dos mais importantes pontos de cruzamento de deslocamento de pessoas do interior da Bahia e, até mesmo, do Nordeste, dada sua localização, ou seja, há cerca de uma hora e meia do litoral e pouco mais de quarenta minutos do sertão baiano.

Batizada inicialmente como Santo Antônio das Alagoinhas por um padre Jesuíta, o município depois tornou-se Freguesia de Santo Antônio das Alagoinhas (1816). O marco principal do desenvolvimento da vila foi a criação da estrada de ferro e a Estação Ferroviária São Francisco, o que permitiu grande fluxo de pessoas e mercadorias. Foi elevada à categoria de cidade em 7 de julho de 1880. Diante desse fato houve, inclusive, uma celeuma, por uma parte da população, em torno da mudança do centro comercial da cidade, deslocado para mais próximo à estação ferroviária, conforme a Resolução de número 1.013, de 16 de abril de 1868. Conforme relata a pesquisadora Keite Maria S. Lima no livro *Alagoinhas: histórias e historiografias*: “A Resolução de número 1.013, de 16 de abril de 1868, que determinou a

à faixa 9 de seu álbum *Maria Rita*, lançado em 2003 pela gravadora Warner. <https://discografia.discosdobrasil.com.br/musica/7283>

⁵ Ouça a entrevista com Raul Seixas à Rádio Cultura AM de São Paulo, em 1976, no programa “Música Popular Brasileira” no canal do Youtube. Disponível em: https://youtu.be/sq9iubo5p_w?si=lbzkJvsAkKB7-6vA. Data de acesso: 04 jan. 2024.

⁶ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/alagoinhas.html>. Data de acesso: 04 jan. 2024.

transferência da Vila para o local onde foi estabelecida a Estação de ferro é um exemplo da influência exercida pela implantação das ferrovias e da Estação no processo de urbanização da cidade” (Lima, 2015, p. 25).

Em outros tempos, a cidade foi chamada “cidade dormitório” por receber trabalhadores da região, que estavam de passagem ou mesmo em busca de moradia, ou como “Pórtico de ouro do sertão da Bahia”, esta última denominação atribuída a Rui Barbosa. Caracterizada como um espaço cosmopolita no interior da Bahia, a movimentação de pessoas traduz a trajetória do município ao longo de sua história de transformação geográfica, econômica, política e social. A cidade se urbaniza ano longo da via férrea.

Não por acaso, o artigo de Ricardo Sizílio, escrito para a *Revista Convergência Crítica* que faz parte do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Teoria Social – NEPETES, da Universidade Federal Fluminense, descreve Alagoinhas como um importante ponto de apoio comunista na década de 1940, tendo inclusive tido a passagem de Carlos Marighella na cidade como o autor descreve abaixo Sizílio (2016, p. 94):

Ao que se mostra, o PCB buscou colocar em prática a projeção apresentada por Mário Alves. Tanto, que o deputado federal Carlos Marighella, em seu primeiro retorno à Bahia após assumir o mandato, foi “prestar contas” das suas atividades parlamentares em Alagoinhas, em 05 de maio de 1946. Esta viagem de Marighella ao seu estado natal durou aproximadamente uma semana, sendo que a sua ida à Alagoinhas, mais uma vez a única cidade do interior visitada por ele, encerrou seus compromissos partidários na Bahia, antes do seu retorno ao Distrito Federal.⁷

Em outro trecho do mesmo artigo, o autor evidencia uma das preocupações do deputado do PCB à época, diante dos trabalhadores ferroviários da Leste Brasileiro, o que liga este texto às pesquisas em andamento sobre a ferrovia, mais precisamente à Estação São Francisco. Diz Sizílio (2016, p. 96):

Ao que tudo indica, o contato de Marighella com o povo da Bahia, neste curto período, fez com que o deputado tivesse maior conhecimento a respeito da situação de precariedade dos trabalhadores de seu estado natal. Nesse sentido, é possível afirmar que a ida de Marighella à Alagoinhas tenha feito com que o comunista tivesse maior familiaridade com as demandas dos ferroviários. Afinal, em diversas oportunidades o deputado usou a tribuna do Parlamento para denunciar a situação dos trabalhadores da Leste Brasileiro, e da população de Alagoinhas.⁸

⁷SIZÍLIO, Ricardo José. Uma cidade vermelha: Alagoinhas, pórtico comunista do interior baiano. **Revista Convergência Crítica**, Dossiê: História Urbana, n. 10, 2016. Núcleo de Pesquisa e Estudos em Teoria Social – NEPETES, UFF.

⁸SIZÍLIO, Ricardo José. Uma cidade vermelha: Alagoinhas, pórtico comunista do interior baiano. **Revista Convergência Crítica**, Dossiê: História Urbana, n. 10, 2016. Núcleo de Pesquisa e Estudos em Teoria Social – NEPETES, UFF.

A circulação de pessoas e ideias levaria a cidade a tornar-se um ponto de encontro entre diversos tipos de leituras de mundo e, portanto, ensejava oportunidades distintas. Nessa direção, duas obras dão conta dos primeiros escritos que contam a história de Alagoinhas. *Alagoinhas e seu município. Notas e apontamentos para o futuro*⁹, de Américo Barreira, publicada em 1902 e *Vultos e feitos do município de Alagoinhas*, de Salomão Barros¹⁰, de 1979. A primeira é uma espécie de relatório dos primeiros passos da construção da cidade. Já a segunda apresenta um painel de acontecimentos e personagens da história local.

Uma oficina de fotografia em 1997, como estudante universitária, onde a Estação São Francisco e adjacências foi um dos locais escolhidos para fotografar, foi uma das primeiras experiências com o visual da linha férrea como fonte histórica do patrimônio material. Depois, em 2016, já como professora da rede pública de ensino do estado da Bahia, fui com colegas da área de Ciências Humanas e estudantes do 3º ano do ensino médio, para uma visita à FIGAM (Fundação Iraci Gama) que abrigava, dentro da estrutura da Estação ferroviária, um importante acervo de pesquisa histórica e de patrimônio material da região, repleto de objetos, fotografias e documentos.

O objetivo desta visita técnica foi possibilitar aos estudantes uma visão diferente da história, dessa vez conhecendo um patrimônio histórico e cultural para pesquisa coordenada pelo GEPEA (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alagoinhas e região). Essa visita técnica fez parte de um projeto de minha autoria, chamado “Viagem ao conhecimento”, que tinha como proposta apresentar o patrimônio histórico, cultural e artístico material através de visitas a museus, instituições, igrejas, teatros e monumentos que trouxessem a materialidade das fontes aos estudantes.

A entrada no Mestrado Profissional em Ensino de História, a educação escolar durante a pandemia e também no pós-pandemia de Covid-19 – na qual se ampliou o interesse mundial pelo audiovisual – conectou a possibilidade de agregar fonte histórica às tecnologias aplicadas à educação, dialogando com aspectos inovadores para o processo de ensino-aprendizagem, o que coincidiu com a minha entrada no ProfHistória.

⁹BARREIRA, Américo. *Alagoinhas e seu município. Notas e apontamentos para futuro*. Alagoinhas: Typografia do Popular, 1902. In: GONÇALVES, Aline Najara. **Os “vultos e feitos” de “Alagoinhas e seu município: uma memória do pós-abolição no interior da Bahia**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Nº 49. 2019.

¹⁰BARROS, Salomão Antonio. **Vultos e feitos do Município de Alagoinhas: reconstituindo o passado e descrevendo o presente**. Salvador, Artes Gráficas: 1979.

Para compreender a necessidade e a utilidade do produto da pesquisa, foi preciso atentar para quais saberes são essenciais aos professores de história, com a finalidade de produzir conhecimento e compartilhar este com a sociedade. Em primeiro lugar, analisamos, então, as demandas visíveis no contexto em que cada profissional está inserido, bem como os estudantes e suas especificidades sociais, econômicas, culturais, religiosas, etc.

Nessa direção, é importante dizer, ainda, que os impactos de diferentes ordens codificam o dia a dia no espaço escolar, assim, as propostas de diferentes reformas educativas implementadas no Brasil entre os anos 1990 e 2000 trouxeram alterações para o campo da instrução escolar básica (Caimi, 2015).

Como exemplo que interessa, de forma direta, a esta pesquisa, por se tratar de uma normativa sobre o audiovisual, temos a Lei Nº 13.006 de 26 de junho de 2014, que acrescenta o §8º ao artigo 26 da Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, para que seja obrigatório, por força de lei, a exibição de filmes de produção nacional nas escolas da educação básica. “Logo, § 8º A exibição de filmes brasileiros constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais”¹¹. A questão de destaque diz respeito, no entanto, à estrutura, isto é, se todas as escolas públicas terão estrutura para que a lei seja aplicada e se haverá, necessariamente, um exercício de reflexão sobre a proposta pedagógica a partir da exibição do filme.

Exibir um filme requer uma preparação prévia dos professores. Adequação de espaço, tempo de aula suficiente, faixa etária correspondente, roteiro prévio de questões e ficha técnica, no mínimo¹². E, apesar de óbvio, se faz necessário assisti-lo antes mesmo de exibi-lo em sala, para verificar o que se deseja apreender daquela produção.

Somado a isso, o ensino de história traz a particularidade de lidarmos com fatos e, de forma simultânea, com abstrações de processos históricos, ao longo do tempo. Muitas vezes, estes fatos são tão antigos que a exploração das fontes históricas são aproximações do que poderia ter acontecido.

Uma estátua grega de mármore encontrada no mediterrâneo, por exemplo, será somente mais uma estátua se o trabalho do historiador não incutir o significado de origem da palavra

¹¹A Lei Nº 13.006 de 26 de junho de 2014 acrescenta o §8º ao artigo 26 da Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13006-26-junho-2014-778954-publicacaooriginal-144445-pl.html>. Acesso em 13 ago de 2023

¹²Veja mais detalhes em NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4.ed. 3. São Paulo: Contexto, 2010.

história: investigação. Tão importante quanto o contato físico ou próximo com as fontes, é o exercício imagético através de um filme como “Tróia” (2004)¹³, por exemplo, ou uma animação, ou um jogo, agregando o elemento pedagógico a partir da metodologia desenvolvida na atividade.

Da mesma forma, a oralidade de povos do continente africano pode trazer respostas e questões distintas a partir do momento em que se empreendem métodos e técnicas de investigação científica sobre costumes, hábitos e história. Estes elementos são necessários para se analisar a relação das pessoas daquele lugar com o tempo histórico, de modo a entender o papel da tradição oral em sua cultura. Os modos de viver o tempo e suas passagens diferem em cada lugar, e, por essas diferenças a história continua a produzir fatos e seus desdobramentos.

Nesse sentido, quando pensei, pesquisei e coloquei em prática um curso de documentário na EBAC (Escola Britânica de Artes Criativa e Tecnologia)¹⁴, surgiu a ideia de fazer produção audiovisual ligada ao trabalho de professora de história. Na EBAC, todos os exercícios das 14 aulas foram práticos, orientados por tutores disponibilizados na plataforma da instituição. Os exercícios possibilitaram a elaboração do roteiro, a escolha do tema, a história do documentário, os gêneros documentais, a edição de som e imagens e, por fim, a pós-produção, que estipula a distribuição, por exemplo.

Abordar o vínculo entre a educação patrimonial, o ensino de história – na educação escolar – e a partilha de conhecimentos e experiências de memória, pertinentes à história local no interior da Bahia, é o que se propõe a pesquisar este estudo. Apresentar o patrimônio histórico através de um documentário foi a ideia inicial da pesquisa, no entanto, pílulas documentais de duração média de quatro minutos, acabaram se tornando mais apropriadas para nossos objetivos.

A protagonista é a Estação São Francisco, localizada em Alagoinhas (BA), como um registro do patrimônio ferroviário brasileiro, representante identitário de cidades do Litoral Norte e Agreste baiano, por esse motivo, se faz necessário, como sequência à exposição de nossa dissertação, compreender a importância da educação patrimonial e da história local associados a esse lugar.

1.2. Patrimônio histórico e a aprendizagem significativa.

¹³Tróia (*Troy* – título original), Diretor: Wolfgang Petersen. Origem: EUA, Malta, Irlanda e Grã-Bretanha. Ano de lançamento: 2004. Duração: 162 minutos. Disponível em streaming: Max e Amazon Prime vídeo.

¹⁴EBAC - Escola Britânica de Artes Criativas & Tecnologia é uma instituição privada que oferece cursos em diversas áreas profissionais com tutoria on-line. Escolhi o curso de Documentário e concluí no final do ano de 2023.

Patrimônio histórico e a aprendizagem significativa. Uma vez caracterizado o espaço da cidade de Alagoinhas, e a trajetória de exercício docente, o ponto agora é apresentar do ponto de vista do ensino e aprendizagem como essa fonte histórica se alinha com o ensino de história. Para isso, compreender a dimensão do tempo é fundamental para professores de História. Nesse sentido, a função do historiador, descrita por Marc Bloch e, publicada pela primeira vez em 1949, ratifica o que se experimenta e produz como parte importante no processo do entendimento das fontes e seus usos.

Segundo Bloch (1985, p. 55):

O historiador não apenas pensa “humano”. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração. Decerto, dificilmente imagina-se que uma ciência, qualquer que seja, possa abstrair do tempo. Entretanto, para muitas dentre elas, que por convenção, o desintegram em fragmentos artificialmente homogêneos, ele representa apenas uma medida. Realidade concreta e viva, submetida à irreversibilidade de seu impulso, o tempo da história, ao contrário, é o próprio plasma em que se engatam os fenômenos e como o lugar de sua inteligibilidade.¹⁵

Como ofício, é obrigatório a todos que se dispõem a ensinar história, mover-se em direção ao entendimento do que é a dimensão do tempo na construção do humano. Por essa razão, antes de qualquer coisa, antes mesmo da intenção de construir esta pesquisa, se fez essencial compreender que a história prioriza a relação entre a cultura material e vínculos sociais e, que a experiência humana reside na vida social, em suas respectivas materialidades.

A história da “gente comum” ou “a história vista de baixo” como bem definiu E.P. Thompson, registra o cotidiano que define todas as relações humanas, e, os seus frutos são o produto fundamental da história.¹⁶ Diante disso, além de realizar os estudos orientados pelo método científico, tendo a Estação São Francisco como protagonista das pílulas documentais – uma série de vídeos divididos em três partes, com duração média de oito minutos – ofertou-se uma oficina sobre como fazer um produto audiovisual relacionado à história local intitulada “A fonte & o tempo: um olhar da memória de um lugar”.

O propósito da oficina acima mencionada – e detalhada no capítulo 3 – é necessário observar a localidade em seus aspectos mais peculiares como fonte histórica. O CETIPMCS foi o cenário e os estudantes do 3º ano do Ensino Médio são o público alvo, apesar do resultado obtido estar disponível para o público em geral.

¹⁵BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

¹⁶THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Antonio Luigi Negro; Sérgio Silva (Org.). Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

A elaboração da oficina e o planejamento do passo a passo do documentário foram referendados pelos estudos ao longo do Mestrado Profissional em Ensino de História, aprimorados com as devidas orientações acerca da pesquisa. Observando alguns trabalhos desenvolvidos no ProfHistória, em outros lugares do Brasil, o olhar se amplia com outras experiências que trazem pontos em comum sobre como trabalhar o ensino dessa disciplina. O primeiro exemplo que tive acesso foi *A aprendizagem da linguagem cinematográfica como suporte para a promoção da consciência crítica nas aulas de História*, de Vitaly Costa e Silva (UFRJ - 2020).

Nesse trabalho, considero muito importante a seleção e o diálogo com as fontes, o que abre estabelece pontos de reflexão sobre como iniciar o levantamento bibliográfico. Vitaly Costa e Silva colocou em seu trabalho autores que já foram observados, tais como: Marc Ferro (1992), Rosália Duarte (2009), Marcos Napolitano (2010) e Circe Bittencourt (1997). Ao longo do seu texto esses diálogos evidenciam o zelo no qual a dissertação foi escrita e como contribuíram para o recorte escolhido.

Quanto à metodologia, a análise dos textos do levantamento bibliográfico deu consistência à construção do produto pretendido e realizado. Os cinquenta e oito slides construídos em *Power Point*, devidamente categorizados conforme a descrição "Introdução à linguagem cinematográfica para professores de História", assim como o guia que serve como material de apoio para professores realizarem sua incursão no universo cinematográfico, foram essenciais como orientadores da abordagem crítica para as aulas de história.

Outra pesquisa do banco de dissertações do Profhistória foi *De volta para o futuro: os usos de filmes para a compreensão do tempo no ensino de história*, de Josemar de Medeiros Cruz (URCA/CE), também um trabalho de 2020. Nela, a presença da memória afetiva como elemento de partida para a pesquisa e, a marca dos anos de 1980 como base dessa memória, se faz presente. O autor faz uma abordagem de suas experiências em grupo, partindo do estudo sobre cinema e de suas aulas de História para construir sequências didáticas, analisando narrativas históricas como elementos centrais nos filmes escolhidos.

A referência de Marc Ferro é marcante neste trabalho do autor devido à sua expertise em escrever sobre Cinema e história. O teórico francês, renomado por suas contribuições no campo da pesquisa cinematográfica, traz uma abordagem informativa e esclarecedora. Seus estudos e análises são fundamentais para compreendermos o cinema como fonte histórica e o impacto que essa arte exerce na sociedade.

Por último, tomamos também como referência *O ensino de História em sons e imagens: Patrimônio histórico- cultural, memórias e olhares do presente na produção de um*

documentário sobre a base aérea de Igarapé-Açu (UFPA/PA) (2021), de Manoel de Jesus Manito de Souza. Um trabalho que se aproxima bastante do objeto de estudo aqui sistematizado, uma vez que o autor mencionado antes fez oficina de preparação com alunos do 9º ano do ensino fundamental, realizando entrevistas com moradores antigos e coletando o máximo de informações a respeito do seu objeto de pesquisa. O cerne desse projeto é como utilizar o patrimônio cultural material e imaterial da cidade no ensino de história “global e local” (Souza, 2021).

Nesse sentido, seguindo essa linha de educação patrimonial, em diálogo com meu objeto de pesquisa, a princípio, ressaltadas as devidas proporções de diferenças geográficas e os pontos de partida, as metodologias, no entanto, se assemelham, pois entrevistas com moradores antigos, questionários, estudos de fontes bibliográficas e iconográficas estão incluídas como método para construir a pesquisa e apresentar um produto para o ensino de história.

Passadas essas reflexões de pesquisa iniciais, outras ainda foram estabelecidas, entre elas, a compreensão de que a educação patrimonial no Brasil é orientada pelo IPHAN, “que possui atribuições como preservar, difundir e produzir conhecimento sobre os elementos patrimoniais, cultura material e imaterial e educação patrimonial” (Zarbato, 2017). É ele, portanto, que administra o patrimônio ferroviário brasileiro e, por esse motivo, torna-se um dos pontos de partida para o debate em torno de uma cultura educativa, de preservação da história do interior posto que, é nesses locais que a vida de grande parte da população acontece. Ou melhor dizendo, onde a vida “da gente comum” acontece, parafraseando Thompson.¹⁷

Dito isto, é interessante notar que as conexões das estradas de ferro na Bahia remontam ao tempo do império, no século XIX, onde a maior parte dos investimentos foi feita sob o propósito de efetivar ligações comerciais, atendendo ao interesse direto dos comerciantes, que empreendiam e tinham, por conseguinte, interesse em escoar seus produtos, como destaca Francisco Antonio Zorzo em seu livro *Ferrovia e Rede Urbana na Bahia: doze cidades conectadas pela ferrovia no Sul do Recôncavo e Sudoeste Baiano (1870/1930)* (2001).

Segundo Zorzo (2001, p.77):

A história das estradas de ferro na Bahia faz ressaltar a posição destacada do capital comercial nos negócios da época. Mesmo quando se nota o papel decisivo dos capitalistas ingleses em certa altura dos empreendimentos ferroviários no Nordeste do Brasil, é preciso observar que esses homens estavam associados ao comércio que dominava também as casas exportadoras e importadoras. Isso foi fundamental, pois a montagem das empresas

¹⁷THOMPSON, E.P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Antonio Luigi Negro; Sérgio Silva (Org.). Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

ferroviárias exigia grande capitalização, o que somente seria possível reunir naquele momento entre homens da classe comercial.¹⁸

Como observado no trecho acima, as interpretações históricas exigem um exercício consciente acerca da relação dos fatos com seu passado de referência, bem como da forma que estas se diluem nas relações sociais. Portanto, caso não haja uma vinculação do ensino de história ao cotidiano dos estudantes, é provável que não haja sentido no que é abordado em sala de aula, por mais que o planejamento esteja bem feito.

Nesse sentido, a aprendizagem que importa, para desenvolver o interesse pela história local e pelos patrimônios artístico-culturais, é a que traz um significado pertinente à identidade local/regional. Cabe então ao(à) pesquisador(a), através de instrumentos de investigação, encontrar maneiras de despertar o interesse pela fonte histórica, incorporando-a ao cotidiano.

Quando se afirma, por exemplo, para os estudantes do 1º ano do ensino médio, que existem palavras em nosso vocabulário de origem grega tais como “soteropolitano”, “Petrópolis”, “hidráulica”, esse pode ser o fio condutor para demonstrar que há proximidade com a história da Grécia antiga, apesar de que isso chegou até o Brasil com a invasão dos portugueses, cuja origem linguística vem, em parte, da antiguidade clássica. Esse elemento pode levar ao entendimento da chegada dos europeus ao continente americano e do extermínio da cultura e idiomas nativos, indicando as intenções de exploração/colonização em terras tupiniquins.

Nesse sentido, a escrita da história depende de orientações e narrativas cuja operação contempla uma complexa teia de informações, pesquisas, metodologias e experimentos aplicados e observados nos seres humanos, nas suas organizações sociais, relações de poder e processos mentais de entendimento da existência individual e coletiva.

Segundo Jörn Rüsen (2010, p. 43) a respeito de consciência histórica e aprendizado histórico:

A narrativa histórica pode ser vista e descrita como essa operação mental constitutiva. Com ela, particularidade e processualidade da consciência da história podem ser explicitadas didaticamente e constituídas como uma determinada construção de sentido sobre a experiência do tempo. O aprendizado histórico, pode, portanto, ser compreendido como um processo mental de construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa histórica, na qual as competências para tal narrativa surgem e se desenvolvem.¹⁹

¹⁸ZORZO, Francisco Antônio. **Ferrovia e Rede Urbana na Bahia: doze cidades conectadas pela ferrovia no Sul do Recôncavo e Sudoeste Baiano (1870/1930)**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001

¹⁹RÜSEN, Jörn. **Jörn Rüsen e o ensino de história, aprendizado histórico**. Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevão Rezende Martins (Org.). Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

A partir do momento em que a experiência, a interpretação e a orientação convergem para uma aprendizagem histórica significativa, o tempo será o centro das atenções do sujeito. As referências no passado, de fato, somente podem ser observadas no presente, onde se constitui a vida real e suas respectivas representações. Logo, mais do que conhecer os fatos históricos é preciso entendê-los como uma construção humana, o que torna fundamental a observação de uma realidade que se modifica de forma contínua, inseridas no cotidiano das relações sociais.

Diante disso, o papel dos professores no ensino de história é trazer sentido aos fatos, à luz do método científico, respeitando as especificidades de cada contexto em que atua e provocando a consciência crítica de cada estudante, para que ele possa refletir acerca das suas memórias, da sua família, comunidade e cidade, encontrando, no presente, correspondências com o seu passado e pontes para o futuro.

As ferramentas que os professores da educação básica precisam para realizar tal empreitada, portanto, dizem respeito às opções oriundas do conhecimento científico e de suas metodologias, obtidas na formação docente. Assim sendo, quando a experiência verifica aprendizagens a partir das observações cotidianas, surgem dilemas e ideias inovadoras, ou mesmo a pausa para aplicar-se a outra carreira que não a docente.

A motivação para o ensino-aprendizagem de história está ligada a ideia de que é possível tornar o ensino dessa disciplina como parte integrante da formação na própria localidade em que vivem professores e estudantes, afinal, a partir dela, remete-se à origem das nossas crenças, culturas e monumentos. Como a “gente comum” conta a sua trajetória de vida em suas cidades, povoados e distritos isso importa e traz sentido ao que se torna registro histórico da memória.

Em determinados lugares turísticos no Brasil, existem guias especializados em resgatar essa memória. Nestes caso, os próprios moradores poderiam ter, de forma acessível, instrumentos de registro dos fatos ocorridos em seu lugar de origem. Ao pensar no potencial turístico de muitas cidades brasileiras, o patrimônio cultural material aparece como um traço comum entre, sobretudo em relação ao patrimônio ferroviário, administrado pelo IPHAN.

Nessa direção, os estudos sobre a ferrovia que atravessa o Nordeste brasileiro, mais precisamente sobre a Estação ferroviária São Francisco, ampliou a construção de respostas aos estudantes do ensino médio, diante de questões sobre a utilidade da história e os modos de demonstrar que eles também são agentes dela.

Segundo Elza Nadai (1993), a forma tradicional de ensinar a história, ou seja, com uma perspectiva universal, é herança dos europeus, interessados na manutenção de sua hegemonia

global no que se refere à propagação das heranças culturais.²⁰ Assim sendo, as ideias de nação, patriotismo e cidadania presentes no currículo escolar brasileiro foram criadas para atender à ideia de civilização oriunda dos padrões europeus, até porque os jesuítas portugueses foram os primeiros a ensinar a língua portuguesa para o domínio sobre os indígenas e sobre todos os demais habitantes das terras “conquistadas”, “Além disso, as próprias representações enfatizando a dominação portuguesa de um espaço natural, vazio, não como conquista, garantiram o lugar de legitimidade da expansão colonial europeia e da colonização portuguesa”, como nos diz Nadai, enfatizando a estruturação da disciplina no currículo escolar ao longo de seu processo histórico no Brasil (Nadai, 1993).

Diante do entendimento de tal processo, é preciso ressaltar que, apesar dessa concepção de ensino de história estar ligada ao processo de dominação colonial, as contribuições têm trazido luz a outras possibilidades como, por exemplo, às teorias e práticas pedagógicas descritas por Paulo Freire em *Pedagogia do oprimido* (2018).²¹

Ainda sobre o currículo escolar no ensino médio no Brasil, vale destacar que a BNCC, que encerrou recentemente uma consulta pública sobre a sua implementação, desde o mês de março de 2023, trouxe um impacto significativo no ensino básico brasileiro, haja visto que há diversificação em algumas matérias e a diminuição de carga horária em outras.

O currículo em si, no entanto, é movido por constantes disputas nas relações de poder, bem como nos movimentos da sociedade, em busca de rupturas ou continuidades, a depender do campo hegemônico dominante em determinados contextos históricos. Porém, ao se utilizar as diretrizes do Ministério da Educação, é possível aplicar pesquisas e produzir conhecimento no espaço escolar, partindo da própria normativa. Segue abaixo uma tabela com orientações da BNCC sobre habilidades a serem desenvolvidas em Ciências Humanas que abrangem e contribuem à construção deste produto, como uma produção docente no ensino básico.

²⁰NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 13, n. 25 e 26, p. 143-162, set. 1992/ago. 1993.

²¹FREIRE, Paulo. **1921 – 1997 Pedagogia do oprimido**: (o manuscrito). Paulo Freire; Jason Ferreira Mafra; José Eustáquio Romão *et al.* 1. Ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire. (UNINOVE): Big Time Editora/BT Acadêmica, 2018.

A tabela a seguir foi produzida pela autora, a partir de dados oficiais disponíveis no site do MEC.²² No quadro 1 vemos a indicação de algumas habilidades, construídas ao longo do percurso do estudante nas três séries que compõem a modalidade Ensino Médio.

Quadro 1 - Habilidades a serem adquiridas durante o Ensino Médio

SÉRIE	CÓDIGO	HABILIDADES
1º	EM13CHS104	Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
	EM13CHS106	Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
3º	EM13CHS206	Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

Fonte: Adaptado de Base Nacional Comum Curricular (2023).

A apropriação das normativas atuais da BNCC nos direciona à construção do conhecimento com criticidade, dando sentido a uma aprendizagem significativa para desenvolver habilidades de compreensão do ser humano a partir da premissa das relações espaço e tempo.

Paulo Freire (1996) sugere essa criticidade no capítulo 01 da obra *Pedagogia da Autonomia*, cujo subtítulo é: *ensinar exige reflexão crítica sobre a prática*.²³ No entanto, não

²² MEC – Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular BNCC**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso: 09 mai. de 2023. O quadro foi produzido pela autora a partir das informações do site oficial do MEC.

²³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

trabalha tal questão como categoria nem aprendizagem histórica. Ao invés disso, descreve experiências vividas ao longo de sua carreira, ensinando as pessoas a ler o mundo e valorizando os saberes da realidade cotidiana.

Nesse trecho da obra, apreende-se que a prática docente e a curiosidade são motores complementares do pensar crítico e, por assim dizer, refletir sobre o ensinar. Portanto, “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (Freire, 1996).

A memória e a história, portanto, se entrelaçam para encontrar meios de demonstrar, na prática, como o ensino da disciplina em questão serve para incutir curiosidade e, por conseguinte, interesse em saber mais, além da vontade por entender como determinado objeto do cotidiano doméstico, como uma fachada de uma casa, por exemplo, pode estar repleto de significados da passagem dos nossos antepassados pelo tempo.

1.3. O ensino de história e a importância da perspectiva da educação patrimonial.

Trabalhar os conceitos de tempo em história, a partir das fontes materiais do patrimônio histórico local, na região do Litoral Norte e agreste baiano, é a base da construção deste trabalho. Diante disso, a presença da ferrovia como ponto de desenvolvimento de cidades localizadas no agreste baiano, o desafio de demonstrar a importância da história local para estudantes do ensino médio, assim como a dificuldade de localização espaço-tempo se faz presente na sala de aula. Assim, estimular a curiosidade e incluir elementos de georreferenciamento, por exemplo, é desafiador.

Em se tratando de pertencimento e identidade, Michael Pollack descreve tal relação – apoiado na metodologia da história oral em seu texto “Memória e identidade social” (1992, p. 205) – da seguinte forma:

Gostaria de enfatizar que, quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual. Quando a memória e a identidade trabalham por si sós, isso corresponde àquilo que eu chamaria de conjunturas ou períodos calmos, em que diminui a preocupação com a memória e a identidade.²⁴

²⁴POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

Assim, retoma-se à principal tarefa dos historiadores, que sempre estão revolvendo a memória e as referências do passado, em busca de elementos que possam justificar ou mesmo trazer luz sobre uma situação, um contexto, uma época. Os professores do ensino básico, contudo, ao utilizar o livro didático, nem sempre tem a referência da memória do seu lugar, da sua região, no entanto, a prática de pesquisa levará a apropriação de ferramentas que possam ser utilizadas em sala de aula.

Reconhecer o pertencimento geoespacial e histórico-cultural possibilita explicar vertentes locais que, muitas vezes, são desconhecidas em determinadas localidades. Quanto ao conceito de monumento, diretamente ligado à escrita deste trabalho, é relevante observar o que escreve Jacques Le Goff. O memorialista define a tarefa dos historiadores em relação às fontes materiais, explicando em que consiste o monumento em si em relação à memória, como vemos abaixo:

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa (Le Goff, 1990, p. 545).²⁵

Dessa maneira, reconhecer o objeto de pesquisa, utilizar as metodologias adequadas, realizar questionamentos pertinentes, questionar, contribuir e compreender que a história produz variadas análises sobre usos da memória, ao longo do tempo, contribui para o pensamento crítico acerca da ideia de documento/monumento. Levando isso à Estação Ferroviária São Francisco, por exemplo, é fato de que ela foi de grande importância para o modal ferroviário baiano entre o 1850 e 1980. No atual contexto, a circulação de trens é feita pela FCA (Ferrovia Centro Atlântica) em grande parte de trens de carga. Por esse motivo, a Estação permanece, em grande parte do tempo, como uma parte integrante da paisagem urbana da cidade.

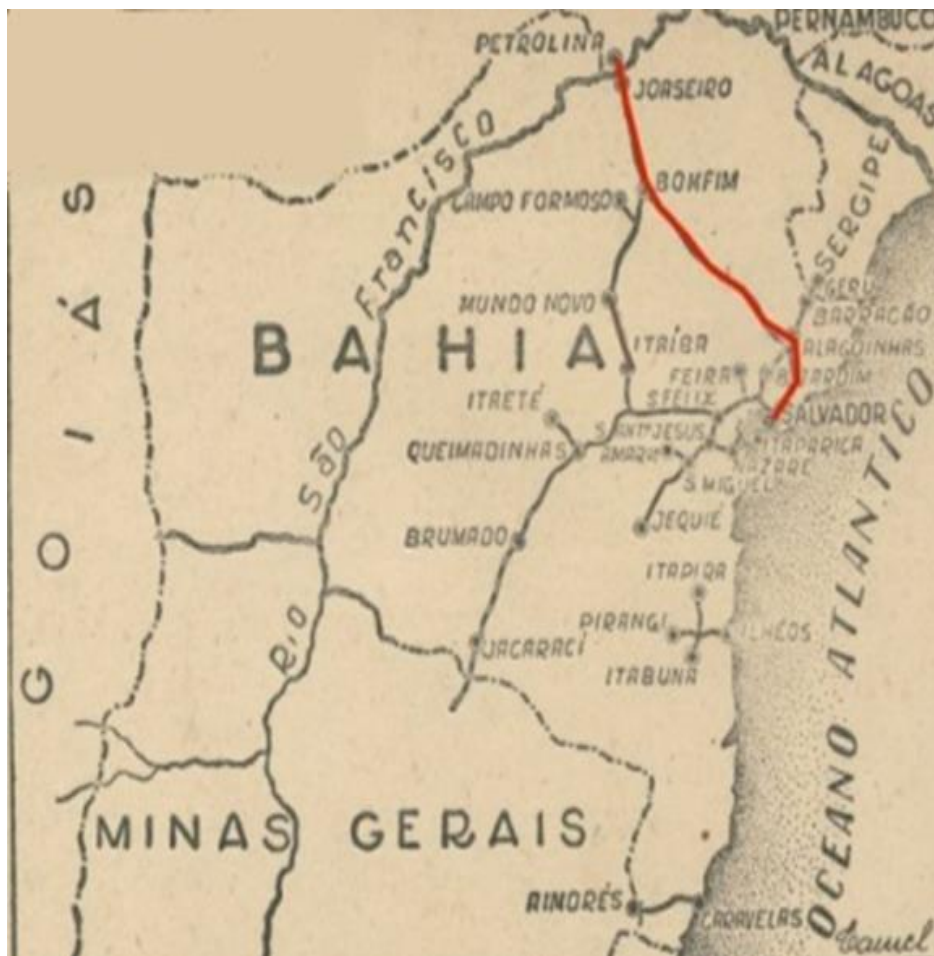
A partir dessas dificuldades e, também, da preocupação em promover reflexões acerca do patrimônio histórico material local, configura-se a ideia de uma produção audiovisual, ou seja, pílulas documentais sobre a Estação São Francisco, principal ponto de partida e chegada de pessoas e mercadorias a partir do século XIX e no decorrer do século XX.

²⁵LE GOFF, Jacques. **1924 - História e memória**. Trad. Bernardo Leitão *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

Para nos auxiliar diante da pesquisa de imagens, mapas, documentos e fotografias foram referências iconográficas utilizadas na pesquisa. Seguem, portanto, algumas dessas referências abaixo remetem-nos à cartografia, dando-nos uma ideia do que era e como funcionava a linha férrea entre Salvador e o Litoral Norte da Bahia. Em outro trecho, a ferrovia chega também à Aracaju. Mas, isso veremos mais adiante em outros materiais iconográficos.

Abaixo o mapa da linha férrea Salvador- Alagoinhas-Juazeiro, no estado da Bahia e da malha ferroviária brasileira em 1954. Em destaque, a região na qual objeto desta pesquisa está localizado:

Figura 1 - Via férrea Salvador – Juazeiro (1954)



Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/trens_ne/juazeiro.htm

Nas outras imagens, as quais serão apresentadas a seguir, poderemos ver registros sobre a Estação São Francisco, situada, nas próximas figuras, por volta de 1900, ou seja, pouco tempo depois da sua inauguração. Esta estação era, nesse contexto, um referente importante na região, pois ela era um ponto de passagem entre capital e o interior.

Figura 2 - Estação São Francisco, por volta de 1900. (Acervo Público Mineiro)



Fonte: www.estacoesferroviarias.com.br

Figura 3 - Oficina de Aramari em 1900. Ao lado, a represa construída pelos engenheiros da ferrovia.
(Foto: Argollo. Reprodução: Lazaro Menezes).



Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_paulistana/aramari.htm

Já na foto 3, vê-se casas construídas para abrigar a oficina da Leste, na cidade de Aramari²⁶, que na época fazia parte do território de Alagoinhas, emancipada em 1962. Sobre a importância dos trens para a economia baiana, é importante se dizer que essa oficina representou o mais eficaz instrumento da mudança territorial e de urbanização no final do século

²⁶Aramari é uma cidade localizada no território e identidade Litoral Norte e Agreste do estado da Bahia. Possui 9.833 habitantes e índice de escolarização entre 6 a 14 anos de idade de 96,3%, segundo dados do último censo do IBGE.

XIX e durante o século XX. Fez surgir cidades, movimentou pessoas, mercadorias, produziu cruzamentos de culturas das mais variadas expressões. Por outro lado, ela também fez desaparecer algumas características naturais, como foi o caso da Madeira-Mamoré na Amazônia.

A malha ferroviária brasileira na região nordeste, até os anos 1950, se limitava ao agreste e a área litorânea, como é possível observar no mapa a seguir:

Figura 4 -Mapa da malha ferroviária brasileira, 1954



Fonte: <http://vfco.brazilia.jor.br/Planos-Ferrovirios/evolucao-da-rede-de-estradas-de-ferro-1954.shtml>

Depois da observação desses documentos, é importante dizer que o estudo da história local contribui para que o ensino possa aplicar ferramentas necessárias ao conhecimento da fonte histórica que permeia o cotidiano dos alunos. Nesse sentido, a pesquisa vem contribuir para que a consciência se conecte com a oportunidade de, ao conhecer, se deparar com potenciais e possibilidades de desenvolvimento orientadas ao uso social do espaço urbano.

Pierre Nora em sua obra *Entre memória e história, a problemática dos lugares* (1993, p. 09-10), contribui sobre a questão dos lugares de memória, dizendo-nos que:

Os lugares são antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. Ela é a desritualização do nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação.²⁷

Dessa forma, a maneira como lidamos com os monumentos, que caracterizam aspectos da memória, pode ser determinante para compreender os vestígios do passado e ressignificá-los no presente. Afinal, eles são recortes de uma realidade vivida por outros imaginários, individuais e coletivos.

Nora prossegue sobre os lugares de memória, dizendo-nos ainda que:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há uma memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre o qual se escora. Mas, se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria tampouco, a necessidade de construí-los (Nora, 1993, p. 13).²⁸

Diante disso, pode-se dizer que a Estação São Francisco é um lugar de memória e, por isso, ao ser celebrada num material audiovisual, permanece vivo o significado da sua criação e da sua continuidade para a coletividade. Assim, é possível refletir sobre o uso social do espaço urbano ao longo do tempo através dela, enquanto monumento histórico.

Por isso suscitar o debate sobre a ferrovia, a estação serve para entender e anunciar novas formas de deslocamentos humanos e suas necessidades, como anunciariam, também, a construção de uma ciclovía ao lado dos trilhos da linha de trem que ainda circulam, os trens administrados pela FCA para a circulação de trabalhadores entre as cidades de Alagoinhas e Aramari, entre outras ações que poderiam avivar a discussão acerca do transporte regional.

Faz-se necessário pontuar que o debate sobre a necessidade de o Brasil investir mais em ferrovias não é de hoje. O recuo desses investimentos no Brasil se deve ao avanço da indústria

²⁷NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. Proj história. São Paulo, 10 de dez. de 1993. p. 09-10.

²⁸Idem, p. 13.

automobilística e à predileção em construir estradas para os automóveis, nos anos de 1970, tudo isso somado ao desenvolvimento da indústria do petróleo.

No livro de Ademar Benévolo, *Introdução à história ferroviária do Brasil: estudo social, político e histórico* (1953), o autor descreve que a construção das ferrovias foi sendo adiada, através de um jogo político onde o interesse da maioria, pereceu. Nessa passagem da página 23, ele descreve com clareza o que ocorria, sobretudo na Bahia e em Pernambuco.

Segundo Benévolo (1953, p. 23):

Centenas de quilômetros de estradas foram construídas para satisfazer colégios eleitorais ou zonas de influência pessoal, para valorizar propriedades privadas, para beneficiar ‘minha terra natal’, justificando-se a ironia de uma definição que ficou célebre: Estrada de ferro no Brasil é o lugar geométrico dos pontos de maior influência política²⁹.

Como se vê, as ferrovias e suas estações traziam mais do que pontos de encontro, partida e chegada. As atividades sociais, políticas e econômicas, bem como as interações culturais a partir desses trânsitos se davam, a todo momento, movidos por interesses diversos; por isso mesmo, a reconstrução desse passado ilumina a identidade sociocultural da região.

Dessa forma, mexer em baús do passado traz memórias que, em grande parte, já se encontram consolidadas no imaginário da população. A alguns interessa o silêncio e, por isso, o esquecimento é a opção mais confortável; a outros interessa saber sobre os fatos, o que pode desvendar alguns rumos e/ou tomadas de consciência sobre o futuro.

Sabendo que os lugares de memória são espaços cercados por emoções e marcos de perpetuação de determinadas datas e festividades, vivendo da lembrança de tempos idos. (Nora, 1993)³⁰. A reconfiguração do espaço urbano, nesse sentido, pode trazer consequências à população. No Rio de Janeiro, por exemplo, no final do século XIX e o início do XX quando os cortiços são varridos da capital fluminense, o governo da época teve como objetivo eliminar os cortiços e praticar uma “limpeza étnica”, erguendo um patamar elitista no centro da cidade (Sevcenko, 2003)³¹

Por esses e outros motivos, o patrimônio histórico se configura, ao longo do tempo, à mercê de quem deseja que ele se mantenha revelando o passado de uma região. Logo, a educação patrimonial se faz necessária para a percepção desses lugares de memória, os quais

²⁹BENÉVOLO, Ademar. *Introdução à história ferroviária do Brasil: estudo social, político e histórico*. Recife: Edições Folha da Manhã, 1953.

³⁰NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Trad. Yara Aun Khoury. Proj história. São Paulo, 10 de dez. de 1993.

³¹SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

são representativos e socialmente disponíveis à população, valorizando o imaginário e a história das cidades.

Um espaço de memória não deve ficar isolado da vida urbana e da circulação de pessoas. As transformações fazem parte da vida das cidades e, com Alagoinhas isso não foi diferente. Os espaços foram ocupados e redefinidos pelas circunstâncias em que os limites geográficos obrigaram escolhas socioeconômicas. Conhecida outrora por belas e arborizadas praças, chafarizes e qualidade excepcional da água, esta apresenta-se, na contemporaneidade, repleta de prédios, condomínios e fábricas de bebidas, que povoam a nova distribuição geoespacial.

A ideia de patrimônio histórico como um bem cultural da humanidade e, por conseguinte, das cidades, avançam de forma lenta, no século XXI. A pauta identitária tem muito a ver com a preservação dos bens materiais e culturais de um lugar, como já iniciamos anteriormente a discussão sobre o lugar de memória. Segundo Sandra Pelegrini³², “O interesse pela temática do patrimônio gerou demandas que envolvem discussões sobre o desenvolvimento social e econômico das cidades” (2007, p. 95)

Isso que a autora descreve vem se verificando aqui com o monumento da Estação São Francisco, uma vez que esta última esteve fechada para reparos por algum tempo e, após duas tentativas de obter acesso para pesquisa, foi dada negativa por parte da Secretaria de Cultura e turismo da cidade. Nenhuma informação sobre a reabertura ou mesmo autorização para pesquisar os materiais lá contidos nos foi transmitida, até a conclusão desse material.

Diante dessas informações e, considerando a produção do conhecimento como algo socialmente relevante, se faz indispensável ser persistente com a pesquisa e as potencialidades nela contida. Aqui estamos falando de um lugar de memória tombado pelo IPHAN por sua importância cultural em 2002.³³

Nesse caso, a consciência de fazer a história conectando saberes à métodos científicos, contribui para que as pessoas possam se perceber como parte de um processo em que a memória sedimenta um arsenal de construções e narrativas correspondentes aos seus respectivos períodos.

As ferrovias definiram mapas do interior brasileiro, a presença humana através das locomotivas encheram as paisagens de vida social, urbanidade e projetos artísticos em suas

³²PELEGRINI, Sandra. Entre armadilhas e artimanhas: o despertar da cidade e a preservação dos seus bens patrimoniais. In: MAGALHÃES, Leandro Henrique; ZANON, Elisa Roberta; BRANCO, Patrícia Martins Castelo (ORG.). **Construção de políticas patrimoniais: ações preservacionistas de londrina, região norte do Paraná e Sul do país**. Londrina: EdUniFil, 2009.

³³Foi feita uma única visita ao acervo do IPHAN em Salvador.

estações. Ainda há memórias, por exemplo, dos passageiros que utilizavam os trens para fazer as viagens entre a capital baiana e o sertão do estado, localizado mais ao norte. Trabalhadores construíram essa nova paisagem interiorana. Essas paradas fazem parte da história brasileira e até geraram inspirações artísticas, tais como a composição “Trenzinho caipira” que faz parte da obra “Bachianas brasileiras nº2”, de Heitor Villa-Lobos, composta entre 1930 e 1945, além das canções da música popular brasileira já mencionadas ao longo deste capítulo.

Assim sendo, cuidadosos projetos foram tomando conta da paisagem, unindo praticidade e acomodações voltadas a consideráveis distâncias, permitindo segurança e baixo custo. Veja como descreve a atividade ferroviária, Antonio Soukef Jr (2008, p. 34):

No Brasil, no início do século XX, cidades que passaram por um rápido processo de crescimento como Manaus, Belém, Recife e Fortaleza, importaram diversas edificações metálicas. Apesar disso, foram as ferrovias que melhor divulgaram a chamada arquitetura do ferro.

Desde o início das atividades ferroviárias na Inglaterra, a forma das estações foi determinada pelos seguintes fatores: pela plataforma de embarque e desembarque, por sua disposição em relação às linhas férreas e pela edificação que concentrava os serviços necessários ao funcionamento dos trens e ao atendimento aos passageiros.³⁴

À luz de fatores econômicos, sociais e políticos – uma vez que as instalações dependiam no começo da iniciativa privada – as estradas de ferro foram consolidando áreas de influência tanto pelo fluxo de mercadorias, quanto pelos empregos e interações culturais das mais diversas ordens.

Em suma, sem dúvida o apito do trem de passageiros faz parte da memória de muitos moradores do interior do Brasil. É essa memória que reverbera a história de cada uma das cidades brasileiras que estiveram e estão nessa rota, tornando-se um reflexo do que está referendado no passado.³⁵ Isso significa compreender a história local como um lugar socialmente construído e, por assim dizer, materializado em monumentos, prédios ou espaços de convivência e memória, cujos traços materializam a história, vislumbrada a partir de seus patrimônios.

1.4. Educação, História e Cinema: uma abordagem analítica sobre a linguagem cinematográfica

³⁴SOUKEF JR, Antonio. Arquitetura de ferro. In: VASQUEZ, Pedro (Org.). **Coleção História Viva - Caminhos do trem: a conquista do trem**. V.4. São Paulo: Dueto Editorial, 2008.

³⁵Ainda existem linhas de trens de passageiros em alguns trechos no Brasil. A linha Curitiba-Morretes, no estado do Paraná corresponde a um trem turístico. Já a linha Vitória-BH/BH-Vitória, é um dos poucos trens de passageiros de caráter interestadual. Este último administrado pela empresa Vale.

Diante da paixão pelas artes cinematográficas, desde o início do curso no ProfHistória o pensamento era que, o produto final dessa dissertação, fosse algo que pudesse trazer o cinema como parte desta pesquisa. Isto porque as práticas pedagógicas que incluem a exibição de filmes precisam transcender o conteúdo, uma vez que os filmes atravessam o cotidiano em virtude de trazer consigo a produção humana e suas representações sociais.

O cinema e a história se entrelaçam desde a própria origem das produções fílmicas, em experiências que podem contar acontecimentos da humanidade através de sons e imagens. Aliás, a primeira exibição cinematográfica traz uma reprodução em Paris, organizada pelos irmãos Auguste Marie Lumière e Louis Jean Lumière. Estes inventaram um cinematógrafo e fizeram a primeira exibição de imagens em movimento, em 28 de dezembro de 1895, exibindo, justamente, pessoas saindo de uma fábrica e, também, a trajetória de um trem, que parecia vir na direção do público.³⁶

De lá pra cá, “ir ao cinema” trouxe a experiência social de partilha, o que traz momentos de diferentes contextos históricos. Além disso, assistir a determinados filmes revelava uma escolha por uma determinada narrativa, selecionando determinadas temáticas, faixas etárias e horários apropriados.

Isso significa que essa experiência seria, além da estética, uma atividade social e coletiva. A partir disso, é possível considerar o porquê de ter havido um investimento – de alguns países envolvidos na segunda guerra mundial (1939-1945) – em filmar e apresentar essas imagens a sua população. As películas funcionavam como propaganda política, abarcando um contingente razoável da cultura de massa em prol de determinadas ideologias.

Dito isto, existe uma diferença fundamental entre um filme sobre a história de determinado período e, um filme que foi feito na época em que se aborda o contexto histórico, nas aulas de história. Por exemplo: O filme *Cinema novo* (2016) de Eryk Rocha³⁷ e Joan Posada, traz a temática de um movimento nacional, de mesmo nome, que foi fortemente engajado pelo cineasta baiano Glauber Rocha, nos anos 1960 e 1970 no Brasil.³⁸

³⁶Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/12/importancia-da-invencao-dos-irmaos-lumiere-para-historia-do-cinema.html>. Acesso em: 12 jan. 2024.

³⁷Eryk Rocha utilizou imagens de bastidores dos filmes de seu pai, Glauber Rocha, para elaborar o filme sobre o cinema novo e contar a história com imagens da época. *Cinema novo*. Ficha técnica: Direção: Eryk Rocha; Produção: Diogo Dahl. Argumento: Eryk Rocha e Joan Posada. Produção Coqueirão Pictures e Aruac Filmes Em Coprodução com Canal Brasil e FM Produções. Elenco: Nelson Pereira dos Santos, Carlos Diegues, Joaquim Pedro de Andrade. Ano de lançamento: 2016.

³⁸O movimento do cinema novo tem como premissa a produção nacional de filmes autorais, independentes e que retratassem questões sociais e culturais brasileiras de forma crítica. Nelson Pereira dos Santos, Luís Sérgio Person e Glauber Rocha foram alguns representantes dessa vertente do cinema brasileiro. SABADIN, Celso. **A história do cinema para quem tem pressa**. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2019.

Ainda em se tratando da relação entre história e cinema, não poderia deixar de falar, também, da obra do historiador francês Marc Ferro (1924-2021), *Cinema e história*, que discute como a sétima arte é uma fonte de matriz histórica contemporânea, uma vez que discute contextos, situações e fatos, políticas e ideologias produzidos pela humanidade.

Acerca da produção fílmica soviética – um dos temas de pesquisa de Ferro – ele nos diz como, no início do século XX, Leon Trotsky³⁹ já descrevia a necessidade de dominar o cinema como um meio de propaganda eficaz, mas também como um meio de suporte para a educação das massas. Conforme descreve Marc Ferro: “O cinema deve ser um contraponto para os atrativos do álcool, da religião (...) a sala de cinema deve substituir o boteco, a igreja, deve ser um suporte para a educação das massas” (Ferro, 1992, p. 27). Assim, a ida ao cinema se estabelece por ser um rito social e coletivo, gerando repercussão por exigir atenção de quem assiste, de quem produz e de quem distribui.

O autor de *Cinema e história* reafirma a sua visão de como o filme escapa de seus “proprietários” pela multiplicidade de significados e interpretações:

Mas, o filme escapa também ao cameraman e ao cineasta, que não chegam a apreender necessariamente todas as significações da realidade que mostram. Por exemplo: já foi demonstrado que, sob a aparência de um filme agradável ao regime – é o caso de Tchapaiev, de 1934, que de fato satisfaz todas as vontades dos dirigentes soviéticos – o, diretor revelou os traços profundamente tradicionalistas da ideologia stalinista. Há inúmeros outros exemplos que demonstram o quanto um filme sempre vai além de seu próprio conteúdo (Ferro, 1992, p. 29)⁴⁰

É exatamente sobre as possibilidades de interpretações que esse escape caracteriza a ligação do cinema com a história. A sociedade que produz o filme e a que recebe⁴¹ é o ponto de intersecção dessa ligação, que registra a ação da linguagem cinematográfica enquanto significativa fonte para a aprendizagem (Ferro, 1992). Por esse motivo, é tão importante, diante do contexto atual, haver uma preparação para assistir aos filmes propostos, como suporte didático na sala de aula.

No documentário *Marighella* (2012), por exemplo, temos a vertente de um filme que inspira – no que se refere à forma – parte da ideia inicial do documentário, construído como produto final para o ProfHistória. Assim, fotografias, depoimentos, trechos de discursos do próprio Carlos Marighella e, filmagens da época em que o personagem era um militante

³⁹Dirigente soviético durante o processo da Revolução socialista na Rússia no início do século XX.

⁴⁰FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução Flávia Nascimento.. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992

⁴¹Idem. p.15.

comunista, transbordam em um contexto histórico específico, enquanto se conta a história de uma pessoa em plena atividade política no Brasil.

Dessa maneira, o documentário apresentado como produto dessa dissertação, representa um contexto específico, de tempo e lugar. Diz respeito ao período em que os trens de passageiros eram ativos na ferrovia entre a capital baiana, às margens do rio São Francisco (entre 1863 e 1989), no qual a Estação São Francisco é um monumento representativo desta fase da implantação dos trens no nordeste brasileiro. Trazer esse fato ao audiovisual alcança um registro que se pretende atingir outros públicos, mais afeitos às imagens que a uma construção antiga.

Aqui indico, de forma breve, alguns elementos que se incluem ao optar por assistir a um filme com alunos do ensino médio, como suporte pedagógico para aulas de história, bem como consta nos métodos e procedimentos descritos pelo autor Marcos Napolitano no livro *Como usar o cinema na sala de aula* (2010). Estes são: I) Assistir ao filme antes e avaliar a importância tanto enquanto conteúdo como atividade transdisciplinar; II) Verificar a classificação etária para perceber se está adequado para o entendimento dos estudantes daquela faixa de idade; III) Elaborar um roteiro com ficha técnica e quais aspectos históricos ou temático que envolve o cerne da produção; IV) Preparar o ambiente, a sala ou o auditório, bem como agendar com antecedência junto à coordenação da escola; V) Socializar posteriormente a atividade, debatendo impressões sobre o que foi visto, em sala de aula.⁴²

Sobre um planejamento a longo prazo como, por exemplo, ao longo de um ano letivo, é possível elaborar algumas estratégias de sistematização dessas atividades, como descreve ainda Napolitano de forma simples e didática. Segue abaixo o que ele descreve como prévia de um planejamento sobre a listagem de filmes:

Procure inserir o filme dentro do planejamento geral do seu curso, articulando-o com os conteúdos e conceitos trabalhados, bem como as habilidades e competências desejadas (...).
Tenha em mente um conjunto de objetivos e metas a serem atingidas, procurando aprimorar os instrumentos de análise histórica e fílmica (Napolitano, 2010, p. 79)⁴³

Seja como matriz histórica, seja como parte de um rito social coletivo, seja como suporte pedagógico em aulas de história, o filme e o cinema estão presentes na contemporaneidade em suas inúmeras formas, aspectos e contextos. A reflexão sobre como a relação educação, história

⁴²NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. P.79-100. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

⁴³NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4.ed. p.79 São Paulo: Contexto, 2010.

e cinema funciona, desde a criação do próprio cinema, pode ser vista no livro *Cinema & Educação* (2009), da pesquisadora em educação e mídia da PUC-Rio, a professora Rosália Duarte. No capítulo V, intitulado “Cinema na escola”, a pesquisadora escreve o seguinte:

Insisto que o uso do cinema com fins pedagógicos exige que se conheça pelo menos um pouco de história e teoria do cinema. Filmes não são decalques ou ilustrações para ‘acoplarmos’ aos textos escritos nem, muito menos, um recurso que utilizamos quando não ‘podemos’ dar aula. Narrativas filmicas falam, descrevem, formam e informam. Para fazer uso delas é preciso saber como elas fazem isso (Duarte, 2009, p. 76)⁴⁴

O que Rosália Duarte descreve, sintetiza a necessidade de aprimorar constantemente as práticas pedagógicas, sobretudo na forma como se trabalham os filmes em sala de aula. No ensino de história, por exemplo, eles são suportes que possibilitam tanto vivenciar o lúdico da arte cinematográfica, quanto comparar uma produção artística com a realidade de determinado lugar, reconhecendo semelhanças ou diferenças.

Ressalto aqui que a orientadora desta dissertação, professora Dr^a Andreza Santos Cruz Maynard possui produção bibliográfica sobre a relação entre cinema e história, a exemplo de *De hollywood a Aracaju: antinazismo e cinemas durante a segunda guerra mundial*, publicado em junho de 2021. Além de fazer parte do GETEMPO (Grupo de Estudos do Tempo Presente), um grupo de pesquisa dedicado à divulgação científica e reflexões de estudiosos na área de Ciências Humanas, posto que compartilhar conhecimentos proporciona uma ampliação do alcance das pesquisas e do interesse do público por temas relacionados ao cinema, além de prestigiar a produção acadêmica brasileira.⁴⁵

O produto audiovisual, elaborado no sentido de ser uma ferramenta pedagógica para saber como se faz uma produção de um documentário na prática, entra, então, em acordo com as ideias da autora. Afinal, a partir da história local, os professores podem utilizar a metodologia da história oral como forma de aproximar os estudantes da fonte histórica presente nas memórias das pessoas da sua comunidade. Ou mesmo refletir sobre determinado monumento na sua cidade ou região, coletando dados e informações a respeito do contexto daquela obra.

O objeto de pesquisa nessa dissertação não é, no entanto, o filme em si, mas a produção de um audiovisual em que seja possível indicar como fazer um material referenciado na história local, voltando-se à prática no ensino de história. Isto é, como posso elaborar – a partir da história do meu lugar – aulas para o entendimento do que é a fonte histórica, por exemplo, e qual a relação desta com as pessoas e o tempo histórico em questão.

⁴⁴DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

⁴⁵MAYNARD, Andreza S.C. **De hollywood a Aracaju: antinazismo e cinemas durante a segunda guerra mundial**. Autografia Editora. 1ª edição. EDUPE, 2021, 282p.

Ao retomar Marc Ferro, percebe-se, então, que aos historiadores que analisam o filme como produto da sociedade, cabe ver, no filme, o que esta de fato representa, ou seja, os filmes revelam muito mais do que o conteúdo produzido para o sujeito que vai assistir, revelando a sociedade em sua subjetividade.

No capítulo I, no subtema “Os modos de ação da linguagem cinematográfica”, Ferro dá um exemplo de uma análise fílmica de uma obra cinematográfica intitulada *O judeu Süß*, sobre a qual nos diz o tema, quem dirigiu o filme, e, o que se pode obter ao analisar os fatos em torno do contexto em que este foi produzido. Assim, ele descreve primeiro os argumentos de quem fez o filme (Ferro, 1992, p.45):

Sabe-se que sucesso obteve *O judeu Süß*, conhece-se também o papel desempenhado por Goebbels em sua realização, bem como o destino trágico que aguardava a maior parte daqueles que colaboraram neste filme. Seu diretor, Veit Harlan, sempre negou que tivesse querido fazer um filme anti-semita, alegando que se alistou na Wehrmacht para se eximir da responsabilidade de fazê-lo, quando foi convidado. Em seguida, Harlan diz ter aceitado, no máximo, a proposta de fazer um filme sobre o problema judeu⁴⁶.

Em seguida Ferro faz uma abordagem a partir de métodos de observação do contexto, analisando o que está presente no filme que demonstra a sua intencionalidade:

Quem quer que tenha visto esse filme, sabe que tal argumentação não resiste a uma análise. François Garçon, num excelente artigo em colaboração com D. J. Jay e Michel Pierre, mostrou que, na verdade, há diversas leituras possíveis de *O judeu Süß*. E que, se ele é também de inspiração antifeminista, pequeno-burguesa e muito hitlerista, sua linha anti-semita não deixa de ser muito coerente: ela combina, digamos, vários estratos de antissemitismo, sendo que o mais comum é o menos presente no filme, o que permitiu Veit Harlan convencer alguns de seus juízes (Ferro, 1992, p. 45).⁴⁷

Marc Ferro fez um exercício de análise das fontes e questionamentos a partir do que o filme não se dispõe necessariamente a deixar explícito, num contexto em que o nazismo se estabelecia através da sua propaganda ideológica cinematográfica. Ou seja, ele fez a análise do modo de ação da linguagem cinematográfica, conforme anuncia o subtema do capítulo 1 na obra *Cinema e História* (1992), demonstrando o papel dos historiadores diante da fonte imagética⁴⁸.

No Brasil, por sua vez, ainda existem dificuldades para a produção cinematográfica e sua distribuição. No entanto, o horizonte educacional apresenta possibilidades, a partir da Lei

⁴⁶FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992

⁴⁷Idem

⁴⁸FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992

do Audiovisual, lei 8.685/1993 e da Lei Complementar nº 195, de 08 de julho de 2022, conhecida como Lei Paulo Gustavo⁴⁹.

O cinema independente brasileiro ainda tem muitas dificuldades, apesar de existir alguns incentivos na área cultural. Nesse sentido, a primeira característica da nossa produção nacional é a perseverança de acreditar em seus projetos, além da inscrição em editais, festivais e de interações coletivas, para que os filmes sigam um caminho satisfatório de exibição.

Como exemplo disso, o Cavi Borges, diretor, produtor e distribuidor de cinema da produtora, distribuidora e exibidora *Cavídeos*, nos explica que a produtora carioca já produziu e distribuiu mais de trezentos filmes, em grande parte com o lema “fazer o máximo com menos”. Ele ressalta ainda que só assim pode se manter enquanto produtora independente, para realizar a proposta de todos os elementos de um filme, curto, longo ou um clipe, sempre tem de se deparar com baixo orçamento.⁵⁰

O fato é que o Brasil tem um potencial criativo ainda com baixo investimento no que se refere ao cinema independente, este dispõe, em sua grande maioria de coletivos que realizam mostras e produções audiovisuais, mas ainda não possui um sistema de distribuição em média e larga escala. Muitas dessas produções ficam limitadas a um circuito mais restrito, como é o caso da Sala de Arte⁵¹, localizado em Salvador.

Por outro lado, na era dos *streamings*, considerar ir ao cinema escolhendo um filme que não consta em um circuito comercial, é uma experiência que socializa pessoas, interesses e desenvolve a habilidade de ver produções cinematográficas sem, necessariamente, ter como único objetivo o entretenimento.

Diante dessas considerações, pode-se dizer, então, que a relação entre história e cinema existe desde a exibição das imagens em movimento, apresentando-se como uma fonte de representações humanas nas suas mais distintas formas e, com o advento das novas tecnologias, ela segue aprimorando saberes em um exercício constante da memória, no qual o passado persevera em meio a inúmeras interpretações da realidade.

⁴⁹A lei 8.685/1993 visa fomentar a produção audiovisual cinematográfica nacional independente e possibilita a captação de recursos coordenados pela ANCINE. A Lei Complementar nº 195, de 08 de julho de 2022, conhecida como Lei Paulo Gustavo, soma-se à Lei 8.685/1993 como incentivo ao setor da cultura incluindo o audiovisual.

⁵⁰A entrevista com Cavi Borges foi obtida nas aulas do curso de Documentário da EBAC, mencionado anteriormente, Aula 2 - “Como fazer o máximo com o mínimo”, no Módulo 11. Acessível somente para alunos do curso da instituição. O cineasta brasileiro possui o perfil @caviborges_oficial acessível na plataforma digital Instagram onde divulga seus trabalhos.

⁵¹A Sala de Arte consiste de um circuito alternativo de cinema com ingressos entre R\$ 36,00 e R\$ 5,00. É possível acompanhar a programação pelas redes sociais da instituição. No *Instagram*: @saladearte_oficial.

2. O EXERCÍCIO DA MEMÓRIA PELO VIÉS DA HISTÓRIA LOCAL

A abordagem principal neste segundo capítulo diz respeito ao lugar de memória. Os elementos que compõem o que se apresenta na história da localidade que se revelam na pesquisa. Reflexões sobre os movimentos das pessoas que contribuíram para a modificação do espaço geográfico na pesquisa aparecem como a formação de uma nova forma de viver a cidade e se relacionar com ela. Tendo em vista essa característica, os professores(as) podem utilizar o material produzido para contextualizar essas modificações da localidade e observar o uso das evidências como parte integrante de um passado revelado através do estudo das fontes históricas.

A memória é contextualizada em sua importância diante da formação de um espaço socialmente dividido no coletivo. Aliás, experimentar o trem de passageiros se limitou, nessa região, até 1989, quando o ir e vir de passageiros entre a capital baiana e o sertão encerra suas atividades.

Os aspectos metodológicos descrevem neste capítulo como o sentido que se dá as etapas de elaboração da dissertação e das bases teórico-metodológicas que se seguem diante das leituras por meio de abordagens da história local para o ensino-aprendizagem no ensino de história.

2.1. A história local, a memória e a aprendizagem

O ensino-aprendizagem de história contribui para que seja possível refletir sobre a dimensão do tempo nas relações humanas. As circunstâncias em que se dão os fatos e se desenvolvem as ações cotidianas constroem a memória em que desenvolvem-se habilidades cognitivas, ao longo da vida escolar.

Tendo como objeto de estudo a Estação ferroviária, com foco na história local, evidencia-se, a partir do momento em que a pesquisa sistematiza os métodos adequados às questões levantadas, como se articulam memória e ensino de história, a partir do cotidiano de professores e estudantes do ensino médio.

Há que se registrar, portanto, que o cinema era presente entre os anos 1960 e 1970, concomitante ao movimento de trens de passageiros na cidade, ou seja, existiam, na mesma

época e período, dois importantes símbolos do progresso (o trem e o cinema) existiam no cotidiano da população alagoinhense até meados dos anos 1980⁵².

Uma outra questão que é preciso constar aqui é o tempo a que se refere esse estudo. A limitação entre o primeiro e o último ano em que a Estação ferroviária São Francisco fez o efetivo transporte de passageiros, foi o recorte temporal selecionado para a produção audiovisual, uma vez que a memória desse fluxo de pessoas e mercadorias é fator marcante no funcionamento da mesma, bem como um marco em uma nova perspectiva de transportes. Neste caso, o ano de 1989 foi o último ano que consta o transporte ferroviário de passageiros na rota Salvador-Alagoinhas-Juazeiro parte da Rede Ferroviária Federal (RFFSA).

Nessa direção, vale explicar um pouco mais sobre a RFFSA, empresa criada em 16 de março de 1957, pela Lei n.º 3.115, sob a sociedade anônima Rede Ferroviária Federal S.A. - RFFSA, com a finalidade de administrar, explorar e conservar as estradas de ferro da União.⁵³

Segundo o DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes), nas décadas seguintes o investimento no modal ferroviário caiu de maneira substancial, o que selou o congelamento da ampliação de ferrovias no Brasil, em oposição ao crescente investimento em rodovias.⁵⁴

Dessa forma, nos anos de 1980 e 1990 segue-se a desestatização das ferrovias brasileiras abrindo o processo de concessão através da lei n.º 8.031/90, que instituiu, a princípio, o Programa Nacional de Desestatização – PND, gerido pelo BNDS (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social). O Decreto nº 3277 com base na Resolução n.º 12, de 11 de novembro de 1999 do Conselho Nacional de Desestatização: “dissolve, liquida e extingue a Rede Ferroviária Federal AS”.⁵⁵

Ao descrever como se extinguiu a RFFSA abre-se um ponto de reflexão sobre a questão do transporte ferroviário no Brasil, posto que entre idas e vindas do capital privado, a última concessão de trechos ferroviários, neste tipo de investimento, não trouxe significativas melhorias para o transporte de passageiros. Muito menos permitiu uma modernização do mesmo. Como nosso estudo não tem como foco uma profunda abordagem sobre esses

⁵²Após o fechamento dos Cines Azi e do Cine Capitólio, houve um longo período sem a presença de salas de cinema na cidade de Alagoinhas, voltando com o Cine Laguna em 2012. Atualmente, existem duas salas e cinema administradas pela Imperial cinemas, o Cine Laguna e o Cine Geek, ambos com circuito comercial ativo e programações especiais junto às escolas ao longo do ano. Mais detalhes em: @cine_laguna.

⁵³A RFFSA foi uma empresa criada no governo Juscelino Kubitschek, pela lei n.º 3.115 /1957

⁵⁴Informações coletadas no site do DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura e Transportes. Disponível em: <https://www.gov.br/dnit/pt-br/assuntos/ferrovias/historico>. Acesso em: 12 jan. 2024

⁵⁵Disponível em: <https://www.gov.br/dnit/pt-br/assuntos/ferrovias/historico>. Acesso em: 12 jan. 2024

investimentos, ficamos por aqui com essas informações, dando sequência, portanto, às escolhas diante de nossa pesquisa⁵⁶.

Nosso enfoque foi, então, apresentar um produto que contenha o contexto histórico de utilização da Estação Ferroviária São Francisco de Alagoinhas, enquanto houve a circulação de trens de passageiros, selecionando, portanto, o período em foco é de 1863 a 1989, como já dissemos anteriormente.

Nessa direção, como fator diferencial do que, de fato, é significativo para cada indivíduo e, deste para o coletivo, a memória é fator de distinção do humano e, tudo o que ele produz, afeta o mundo ao seu redor. Assim, as narrativas históricas, guiadas pelo planejamento estratégico de ensino em sala de aula, permitem trocas com o meio a partir da apreensão de conteúdos e desenvolvimento de habilidades.

Como exemplo disso é possível citar a Central de Abastecimento⁵⁷ que encontra-se lado a lado com a linha férrea, e que nem sempre foi naquele local. A feira da cidade era do outro lado do município, na área conhecida como Alagoinhas Velha, próxima à igreja inacabada dos jesuítas.

Após a inauguração da linha férrea, pouco a pouco, a população foi habitando o entorno da Estação ferroviária e, assim, a partir do final do século XIX a feira de víveres e produtos alimentícios, que abastecia a região, foi ocupando um outro espaço, correspondente ao novo fluxo de pessoas e mercadorias que mudou a referência de “centro da cidade” constituindo parte da área da Central de Abastecimento.

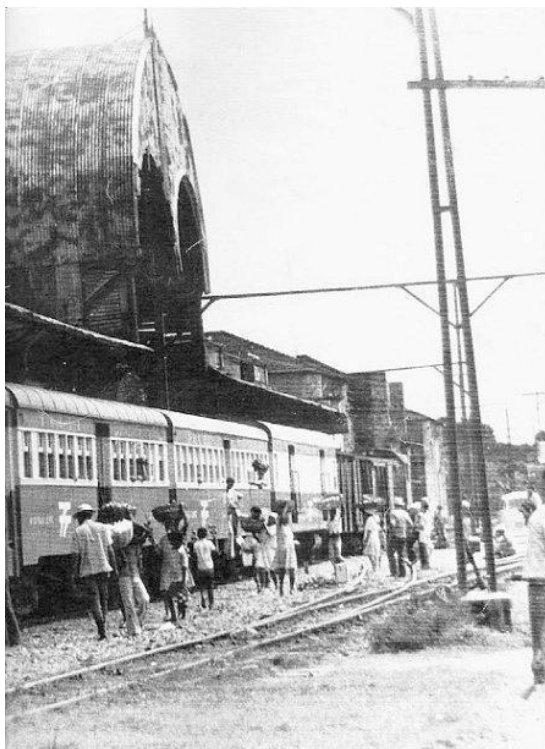
Neste caso, como a abordagem aqui é do tempo em que os trens de passageiros estavam em vigor e paravam na referida estação, os anos entre 1863 e 1989 foram os escolhidos para nosso recorte. Houve quem experimentou, ainda, essas viagens sertão adentro e tenham memórias relativas à sua experiência, assim sendo, a materialidade do monumento contém, também, parte dessa memória, agora como um espaço em que se insere na história dessa localidade.

Na imagem a seguir, figura 5, a mobilização das pessoas em torno dos trens que chegavam à estação ferroviária São Francisco:

⁵⁶Um panorama sobre a extinção da RFFSA e da pausa nos investimentos em ferrovias no Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bp_Inqjnz9w. Programa *Como o Brasil destruiu suas ferrovias – e por que isso não deve ser superado tão cedo*, do canal DW Brasil, na plataforma Youtube.

⁵⁷ A Central de Abastecimento é o local onde se dispõe a feira de Alagoinhas que funciona de segunda-feira à sábado e diversos tipos de itens são comercializados.

Figura 5 – Estação São Francisco (1980)



Fonte: www.estacoesferroviarias.com.br

Sobre a perspectiva da estação ferroviária ser um lugar de memória, vale ressaltar o que diz Pierre Nora: “Os lugares de memória pertencem a dois domínios que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo sobressaindo da mais abstrata elaboração” (Nora, 1993, p. 21)⁵⁸.

Essa afirmação, inclusive, ganha destaque na dissertação de mestrado de Leila Carla Rodrigues dos Santos, em seu estudo *A Igreja Inacabada e a Estação Ferroviária: memórias e monumentos em Alagoinhas-Bahia* (2010) e feito para o Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus V, Santo Antônio de Jesus – BA:

Após a construção da Estação, seu entorno começou a ser povoado. Uma minoria da população das proximidades da Igreja de Alagoinhas Velha, prevendo o desenvolvimento, começou a se mudar espontaneamente para próximo da estação, construindo, no local, casas de palha. Porém, outros moradores do entorno da igreja tiveram que ser transferidos com ajuda

⁵⁸NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. Proj história. São Paulo, 10 de dez. de 1993. p.21.

policial, pois, segundo a memorialista Juanita Cunha (1987), os mesmos, insistentemente recusavam-se deixar o local (Santos, 2010, p. 28) ⁵⁹

Os contingentes e deslocamentos humanos dão forma às cidades desde a Antiguidade. O caminho da pesquisa se desenha, então, pela experiência de observar e investigar o que as fontes podem revelar, diante da sistematização do conhecimento obtido sobre o modo de viver em determinados lugares.

Ainda sobre isso Jörn Rüsen, descreve o sentido das teorias históricas em relação às construções temporais humanas:

As teorias históricas são construções de processos temporais, que servem de fio condutor para as histórias. Elas têm por base representações gerais dos processos temporais, que são obtidas ao se preencher um sistema de universais históricos com experiências do presente altamente generalizadas. As representações dos processos temporais aparecem como uma periodização geral ou como representações do fio condutor do desenvolvimento histórico (Rüsen, 2010, p. 75). ⁶⁰

Desse modo, professores são constantemente desafiados a tornar seu planejamento apto a desenvolver habilidades. Esta narrativa lhes confere a apreensão do conhecimento histórico a partir de processos que façam sentido, para que o ser humano produza a experiência única de construir memória a partir do que o fato significa para ele.

Dessa forma, um formulário foi proposto a partir da ideia da oficina, para coletar informações acerca do entendimento sobre patrimônio histórico e cultura material e imaterial. A ideia inicial era inserir todos os gráficos das questões propostas, no entanto, foi feita a opção de indicar o Google Forms como mais uma ferramenta de pesquisa

A partir dos dados obtidos com as respostas de 12 participantes, no período anteriormente descrito, foi possível observar que a idade destes varia entre dois grupos diversos, de gerações diferentes. A maioria absoluta, tem ideia do que se trata quando se fala em cultura material e imaterial, o que traz à tona a percepção do monumento como parte da cultura material da cidade.

Percebe-se uma divisão de opiniões em relação à preservação ou não da história local, em relação à ferrovia. Apesar disso, a maioria, 41,7% dos 12 que responderam ao formulário, consideram como preservada a história local, através do que existe no lugar. Isso pode ser

⁵⁹SANTOS, Leila Carla Rodrigues dos. **A igreja inacabada e a estação ferroviária: memórias e monumentos** em Alagoinhas-Bahia. 2010. 144 f. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional). Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Santo Antônio de Jesus, 2010.

⁶⁰RÜSEN, Jörn. *Reconstrução do passado*. Tradução de Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010. 188p.

reflexo das experiências que constam nas lembranças de alguns participantes que, talvez, não tenham ouvido ou convivido com pessoas que lhes falassem sobre o tempo dos trens de passageiros.

Então, constam anteriormente os dados de um formulário juntamente com os da oficina, reforçaram que o conhecimento histórico construído a partir da memória é imprescindível ao exercício do que é, de fato, pertinente aos estudos históricos, frente às características de cada período, lugar e contingente de indivíduos.

No entanto, por haver bibliografia relevante sobre a relação entre memória e história, optou-se por não inserir gráficos, mas somente as informações sobre o formulário foram acrescentadas neste item do capítulo 2.

Já a oficina, demonstrou a aproximação da comunidade sobre suas referências identitárias com a experiência das fotos e a atividade de dar título as mesmas, um incentivo à curiosidade sobre o passado do lugar.

2.2. A estação ferroviária São Francisco (Alagoinhas/BA) e a representação do tempo de um lugar – abordagens teórico-metodológicas

Ao final do século XIX, a implantação das ferrovias corria por todo o Brasil, sob investimentos estrangeiros a reverberar anseios políticos provincianos, no sentido de interligar suas respectivas localidades e lucrar com o potencial da movimentação de mercadorias e oportunidades.

A data de 13 de fevereiro de 1863 representa, portanto, um momento em que ficou registrada a viagem inaugural da via férrea, que ligaria Salvador ao sertão baiano. A essa altura, a vila de Alagoinhas já se organizava no entorno da Estação São Francisco, como descreve o trecho a seguir:

Logo após a inauguração da Primeira Estação Ferroviária em Alagoinhas, em 13 de fevereiro de 1863, o comendador José Moreira de Carvalho Rêgo, ressaltou a necessidade de transferir o Comércio da Vila para as proximidades da Estrada de Ferro. Suas ideias causaram estranheza e geraram embates com alguns habitantes da Vila e adversários políticos. Entretanto, a transferência não só do comércio mas da vila foi uma questão de tempo (Lima, 2015, p. 23)

61

Embora haja essa data para a primeira viagem, não foi encontrado um registro que oficializasse a inauguração da Estação. Mesmo assim, os registros verificados nessa pesquisa dão conta de que havia um fervor de fazer as viagens acontecerem, isso contribuía para o

⁶¹LIMA, Keite Maria Santos do Nascimento. Alagoinhas no século XIX: Configuração e ordenação dos espaços de uma nova cidade (1868-1880). In: BATISTA, Eliana Evangelista (Org.). **Alagoinhas: história e historiografia**. Alagoinhas: Quarteto/ FIGAM, 2015.

prestígio político dos interessados na expansão do fluxo comerciais bem como simbolizava o progresso na época.

Conforme Le Goff, “A memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos” (1990, p. 535). Dessa forma, nossa escolha parte de um tema pertinente, e indaga sobre aspectos relacionados ao modo de vida de um lugar, cujo monumento, tombado como patrimônio histórico municipal, é o seu objeto.

Além disso, a pesquisa histórica produz interpretações das fontes a partir do momento em que o(a) pesquisador(a) desenvolve questões pertinentes ao seu objeto de pesquisa, e assim prossegue com o levantamento de tudo quanto possível para realizar o estudo. Sem a metodologia adequada, no entanto (tal como a entrevista inserida como elemento metodológico), as fontes seriam meramente um registro estático.

Considerando que o objeto da pesquisa é um monumento, e a partir deste disserta-se sobre a história local, observando o que Jacques Le Goff escreve sobre as formas dos “materiais da memória”:

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador (Le Goff, 1990, p. 462)⁶²

A partir da base cultura material, ou seja, cidade, memória audiovisual e ensino de história, desenvolveram-se estudos com a problemática de que é possível utilizar elementos das fontes locais, associados ao universo digital (audiovisual), como ferramenta pedagógica.

Sugere-se, então, uma abordagem integrada para explorar a história local com alunos do 2º ano do ensino médio no CETIPMCS. Para isso, começa-se com pesquisa bibliográfica sobre o tema, seguida de uma oficina sobre história local. Em seguida, organiza-se uma atividade com filme relacionada ao lugar e à memória. Utiliza-se, também, um formulário do Google Forms para coletar informações sobre educação patrimonial com professores e alunos da mesma escola e, por fim, realiza-se entrevistas com membros da comunidade local, envolvendo os alunos na produção audiovisual, passando pelas etapas de pré-produção, produção e pós-produção.

Na nossa proposta, a história oral como abordagem metodológica convergiu para que, nas entrevistas presenciais ou via *Google forms*, fosse possível caracterizar como o monumento apresenta-se para as pessoas, no tempo presente, uma vez que ainda existem pessoas que

⁶²LE GOFF, Jacques. **1924 - História e memória**. Trad. Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

utilizaram o trem de passageiros até a década de 1980 – saindo da Estação São Francisco seja para Aracaju ou Salvador – como se verificou na entrevista realizada. A pertinência e a subjetividade da descrição dos fatos, a partir do que as pessoas experimentaram, aderiu à proposta da produção audiovisual, em virtude da escolha por identidade e pertencimento como premissas da história local. Todos os dados coletados foram analisados, e constam ao longo dos três capítulos cujo objetivo é contribuir para produção de ferramentas didáticas para o ensino de história.

Ainda sobre a questão do ensino-aprendizagem, o experimento descrito por Isabel Barca destaca o que ela caracteriza como “Educação histórica”, que se encaixa com o que a pesquisa realizada pretende atingir. No texto, a pesquisadora descreve a seguinte proposta, para indagar aos alunos portugueses como eles aprendiam história e encaravam as suas especificidades:

Pretendendo indagar-se como é que adolescentes portugueses encaravam a existência de diferentes respostas explicativas para uma mesma questão histórica, foi utilizada uma bateria e material histórico composta por breves excertos de tom explicativo de Oliveira Marques, Arnold Pacey, António Mattoso e um texto descritivo, acompanhado de um conjunto de fontes primárias e secundárias. A partir das respostas dos alunos a um conjunto de questões, as ideias sobre provisoriedade da explicação histórica foram categorizadas em cinco níveis conceituais (Barca, 2001, p. 15).⁶³

De acordo com isso, percebemos, então, que tão importante quanto saber o que e como ensinar história, é saber como os alunos aprendem. O experimento de Barca atribuiu cinco níveis conceituais, a saber: “1. A estória, 2. A explicação correta, 3.Quanto mais factores melhor, 4.Uma explicação consensual e 5. Perspectiva” (Barca, 2001, p. 16-17). A prática de saber como os alunos compreendem a explicação dos(as) professores(as), necessita que o docente se mantenha atualizado: quanto ao que irá explicar, quanto aos fatos históricos de cada série (tendo em vista que, nelas, há possibilidades variadas) e quanto ao público que se terá em cada escola.

A escolha de Rüsen contemplou, por sua vez, o quadro teórico-metodológico e se manteve costurando os capítulos que se seguiram. Afinal, a percepção de que somos agentes da história, se dá a partir do momento em que há a consciência da experiência humana no tempo, produzindo fatos. Nesse sentido, a historiografia está imersa na formação da identidade e nas linguagens utilizadas para as narrativas. Veja o que Rüsen observa sobre a pesquisa historiográfica:

⁶³BARCA, Isabel. Educação histórica: uma nova área de investigação. **Revista da Faculdade de Letras. HISTÓRIA**. Porto, III Série, vol.2, 2001, p. 13-21.

A pesquisa não é um fim em si mesma, mas está determinada por critérios de constituição histórica (narrativa) de trabalho com as fontes, à prática comunicativa do presente em que está em jogo a identidade histórica como fator da socialização humana. A pesquisa não está vinculada apenas externamente a essa comunicação formadora de identidade, não é apenas instrumentalizada por ela, mas insere-se nela por inteiro. Ela se transforma de pesquisa (e não poderia ser de outra forma) em historiografia (Rüsen, 2010, p. 169).⁶⁴

Assim sendo, a escrita da história não depende exclusivamente de métodos e técnicas, mas também se identifica nas escolhas feitas por quem escreve, bem como na sua intencionalidade propriamente dita. Isto é, “A pesquisa é definida por sua relação estrita à experiência histórica metodicamente regulada” (Rüsen, 2010, p. 169).

Ensinar e aprender história, portanto, requer formação continuada, leituras diversificadas, transdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento, participação em eventos culturais e acadêmicos, disposição para criar, agregar saberes populares e enfrentar os desafios que a educação brasileira impõe aos docentes.

Diante do que foi abordado ao longo dos capítulos anteriores, podemos, agora, visualizar como foram feitos os materiais que construíram o produto audiovisual propriamente dito. Considera-se, em sua elaboração, as experiências, leituras e experimentos ao longo do ano letivo 2023, bem como as imagens das fotografias e das filmagens realizadas pela autora deste estudo.

A pesquisa é um elemento importante para que se desenvolvam novos métodos e técnicas a partir da realidade. Na educação, as tecnologias aplicadas no ensino-aprendizagem nem sempre condizem com o que se apresenta dentro dos muros da escola. Nem sempre os estudantes têm acesso a celulares, computadores ou mesmo uma biblioteca pública para estudar.

Nesse sentido, o livro didático traz consigo um elemento de base para o exercício das atividades didáticas e pedagógicas. É evidente que os professores fazem seu ofício para que consigam o máximo com menos, parafraseando o cineasta carioca Cavi Borges sobre a produção audiovisual independente no Brasil.

Os recursos criativos para as aulas de história podem ser, portanto, desde um objeto que suscite a memória, fotografias de família, um prédio, um monumento, um brinquedo, uma roupa utilizada em alguma cerimônia, até festas religiosas ou não, periódicos escritos com determinada finalidade, poesias e/ou canções populares etc. O essencial é que naquele momento

⁶⁴RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Tradução de Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010. 188p.

seja possível perceber a temporalidade e averiguar a produção humana, materializando a história.

Através do exercício docente dos professores do ensino básico, aulas criativas podem suscitar o incentivo que faltava àquele aluno interessado em desenvolver mais as suas habilidades, por exemplo, para a iniciação científica. No entanto, ressalva-se a necessidade de valorizar o magistério em todas as suas modalidades (desde a alfabetização ao ensino superior) para que a pesquisa e o ensino básico estejam em constante contato, formando uma ponte para o futuro da ciência.

Como disse certa vez Marc Bloch, em uma de suas notas, presentes em *Apologia da história ou o ofício de historiador* (2001) – expondo sua posição crítica em relação a seus professores Langlois e Seignobos – “Permaneço-me fiel às suas lições criticando-as, ali onde julgo ser útil, bastante livremente, como desejo que um dia meus alunos, por sua vez me critiquem” (Bloch, 2001, p. 41).⁶⁵

Dito isto, não é possível considerar que o ensino de história não traga a criticidade como premissa para o ensino-aprendizagem. No capítulo final dessa dissertação de mestrado, as práticas pedagógicas são o objetivo principal. Aborda-se o uso de um produto audiovisual como ferramenta pedagógica para aulas de história.

Além disso, são descritos, também, os passos para desenvolver habilidades e competências, por meio de abordagens da história local e história oral, utilizando escolhas metodológicas pertinentes aos aspectos teórico-metodológicos descritos nos capítulos anteriores, acreditando que se possa contribuir, entre tantos outros produtos já realizados por outros pesquisadores, para novas perspectivas no ensino de história.

⁶⁵BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

3. A PRODUÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A ESTAÇÃO SÃO FRANCISCO EM ALAGOINHAS (BA)

No terceiro e último capítulo, descreve-se como foi feito o processo de observação, planejamento, escrita e execução do produto audiovisual em todas as suas etapas. Desde a oficina sobre como fazer um audiovisual remetendo à histórica local até a finalização da edição como parte integrante do curso no Mestrado Profissional no Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe.

Consta um relato de experiência a partir da oficina elaborada, inicialmente para incluir a comunidade local do CETIPMCS na elaboração do roteiro e das gravações. Posteriormente, a jornada durante o ano letivo 2023 direcionou para um produto diferente da ideia original.

No entanto, o propósito de construir uma ferramenta pedagógica para o ensino de história manteve-se coerente. O novo direcionamento trouxe a própria dinâmica das atividades laborais de professores com carga horária de 40h de trabalho semanais, e reafirmou a importância de um planejamento adequado ao tempo disponível às filmagens e edição de imagem e som necessários.

A produção de um documentário sobre a Estação São Francisco em Alagoinhas (BA) proporciona uma oportunidade entre tantas outras de explorar a história e importância cultural da cidade e suas contribuições às experiências humanas.

Por meio de entrevistas com moradores locais, pesquisas históricas e imagens de arquivo, o produto audiovisual foi produzido pela autora da forma mais simples possível no sentido dos equipamentos, justamente para demonstrar a acessibilidade da proposta pedagógica, bem como a sua viabilidade técnica. Tratado aqui como uma forma de preservar a memória desse patrimônio ferroviário local e compartilhá-la com as gerações futuras através do ensino de história expressos na dissertação e seu respectivo produto.

Portanto, a seguir objetiva-se descrever como foi realizado o produto em suas etapas fundamentais e orientar àqueles que desejam elaborar uma ferramenta pedagógica audiovisual como estratégia para o ensino de história onde quer que exerça a docência.

3.1. O processo metodológico da pesquisa científica na elaboração de um produto audiovisual em sequência.

No capítulo anterior, foi abordado o referencial teórico relacionado ao audiovisual em relação ao ensino de história. Neste capítulo será descrito o processo de criação e produção em si. Nosso documentário, portanto, está estruturado em três partes.

Diferente de um documentário tradicional, que conta com uma produção mais densa e recursos mais abrangentes, envolvendo uma equipe de profissionais contratados, este consiste em trechos de gravações descritivas, encadeadas em uma sequência organizada de forma mais direta. As três partes são, portanto, mais curtas e podem ser destinadas a diferentes fins, como exibição em salas de cinema ou circuitos alternativos de audiovisual.

A finalidade é servir como ferramenta para aulas de história a partir da descrição da história local entre Alagoinhas e Aramari. Por esse motivo, as filmagens foram realizadas com foco na Estação Ferroviária São Francisco (muito mais na parte externa que na interna) e em outros monumentos das cidades mencionadas, com edição totalmente feita com equipamento doméstico. Além disso, foram usados aplicativos que contribuíram para a edição final do produto como o *Canva*, o *Climpchamp*, o *Power point* e o editor de gravação de voz do próprio *Notebook*.

Como descrito no capítulo 1, o curso de documentário na EBAC foi essencial para a compreensão dos aspectos técnico-metodológicos descritos mais adiante, nesta seção. Apesar disso, este é um trabalho que carrega uma proposta experimental, acerca do ensino de história e, por esse motivo, no decorrer do Mestrado Profissional em Ensino de História, a atenção às metodologias para desenvolver o ensino-aprendizagem foi redobrada. Dada a ideia inicial de abordar filmes nas aulas de História, voltando-nos ao público do Ensino Médio, considerei, também, as experiências vividas ao longo de minha carreira docente.

Outra questão que interessa aos docentes, de forma direta, é a estrutura na qual será reproduzido o filme. Desde o DVD, passando pela TV, pelo Pen-drive, até chegar aos *streamings* e aos downloads de plataformas como o *Youtube*, é necessário que haja um ambiente para acolher estudantes e professores, em que a compreensão, do que Pierre Bourdieu⁶⁶ chamou de “competência para ver”, seja uma experiência memorável e, portanto, desenvolvida como uma das habilidades, críticas diante da realidade social.

Do ponto de vista da legalidade, no ano de 2014, tornou-se obrigatória a exibição de filmes de produções nacionais, pela Lei 13.006/2014, sancionada pela então presidenta Dilma

⁶⁶DUARTE, Rosália. Cinema & Educação. 3 ed. - Belo Horizonte: autêntica Editora, 2009. 104p. - (Temas & Educação, 3)

Rousseff.⁶⁷ A lei trouxe consigo o questionamento sobre a estrutura das escolas para a exibição dessas produções, bem como o incentivo ao audiovisual brasileiro, no cenário artístico nacional.

Acerca da lei acima mencionada e, sobre a questão da formação do público no Brasil, este trecho da entrevista do pesquisador de cinema e educação da UFJF, Cristiano Rodrigues – na entrevista concedida à Impulso Filmes – dá conta de uma das questões centrais em torno da lei 13.006:

IMP: A iniciativa do cinema na escola é capaz de formar um novo público para as produções nacionais?

CR: A ideia é exatamente essa: formar público. Mas nisso, há também um pequeno incômodo, pois mira o nosso cinema de uma perspectiva muito “comercial” demais. No entanto, além de pensar em formar público apenas, a iniciativa pública deveria pensar também em formar pessoas. É necessário **formar pessoas que se emocionam no cinema**, mais diretores de arte, preparadores de elenco, técnicos de áudio e fotógrafos.⁶⁸

A abordagem do pesquisador condiz com a preocupação de formar público, ou seja, pessoas capazes de dar continuidade às artes cinematográficas, fomentando a experiência de ver filmes (como disse anteriormente com a frase de Bourdieu). Nessa direção, inclusive, já tramita, em caráter conclusivo no Congresso Nacional, o Projeto de Lei 3342/23, que institui a Política Nacional do Audiovisual nas Escolas de Ensino Médio⁶⁹, a ser financiada pelos ministérios da Educação e da Cultura.

Tais questões remetem-nos, novamente, às discussões sobre estrutura para a exibição e o estímulo à produção audiovisual nas escolas, bem como suas finalidades educativas, culturais, memorialistas e artísticas brasileiras. Por essa razão, este produto foi pensado e construído para a modalidade Ensino Médio. No entanto, a ideia é de que seja acessível a quem quiser utilizar como ferramenta didático-pedagógica em suas aulas de história, ou mesmo por curiosidade acerca da memória e da história local.

⁶⁷Dilma Vana Rousseff nasceu em 14 de dezembro de 1947, na cidade de Belo Horizonte (MG), é a primeira mulher a tornar-se presidente do Brasil nas eleições de outubro de 2010. Foi eleita por dois mandatos consecutivos tendo sido interrompido por um processo de *impeachment* no ano de 2016. Em 2023 o TRF1 extinguiu a ação que acusava a ex-presidenta de “pedaladas fiscais”. Atualmente, Dilma Rousseff preside o banco dos BRICS.

⁶⁸Entrevista publicada no Blog da Impulso filmes em 14/10/2016. Disponível em: <https://impulsohub.com.br/cinema-na-escola/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

⁶⁹Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1000969-proposta-institui-politica-nacional-de-estimulo-ao-audiovisual-nas-escolas#:~:text=O%20Projeto%20de%20Lei%203342,an%C3%A1lise%20na%20C%C3%A2mara%20dos%20Deputados>. Acesso em: 20 dez. 2023

Nesse sentido, do ponto de vista técnico-metodológico a sequência para a realização de um produto audiovisual traz os seguintes aspectos⁷⁰:

- I. Pré-produção (Pesquisa, Planejamento, Argumento e Roteiro);
- II. Produção (Filmagem, Som, Edição, Montagem, etc.);
- III. Pós-produção (Edição de imagens e som, Divulgação e Distribuição, etc.)

Considerando estes aspectos e, se tratando aqui de um produto amador, no sentido de servir ao propósito do foco desta dissertação, ou seja, de contemplar o desejo de ser acessível para quem quiser elaborar algo semelhante em sua escola, comunidade e cidade, o projeto está detalhado com o passo a passo para chegar até a produção propriamente dita.

No aspecto da pré-produção, foi realizada uma oficina de audiovisual intitulada “A fonte & o tempo: um olhar da memória de um lugar” no CETIPCS, como ponto de partida para o entendimento da comunidade escolar, acerca do que é patrimônio histórico, memória e o monumento.

Valorizou-se tal abordagem temática como uma parte da história local, ressaltando a importância da preservação da memória. Pretendia-se, aqui, construir uma produção audiovisual com os alunos, o que não foi possível devido ao andamento do próprio ano letivo, já que houve mudanças consideráveis após o deslocamento da instituição a um novo prédio, a partir de maio de 2023.

Para a realização desta oficina, foi feita a solicitação prévia de uma sala de aula e, o espaço para projeção dos slides foi preparado com antecedência. A sequência de dezesseis slides foi composta por descrição da relação entre a memória e o tempo, esmiuçando questões relativas à temática em questão, sendo, esta, apresentada à equipe gestora. Na sequência constavam algumas fotos de locais da comunidade na qual se desenvolveu o resgate e a pesquisa história e, além disso, continha ainda uma breve atividade, para que os dez participantes presentes no momento da apresentação, entre alunos e professores, pudessem escrever um título para cada foto da dinâmica.

Segue abaixo um registro fotográfico da oficina “A fonte & o tempo: um olhar da memória de um lugar”, realizada na biblioteca do CETIPMCS:

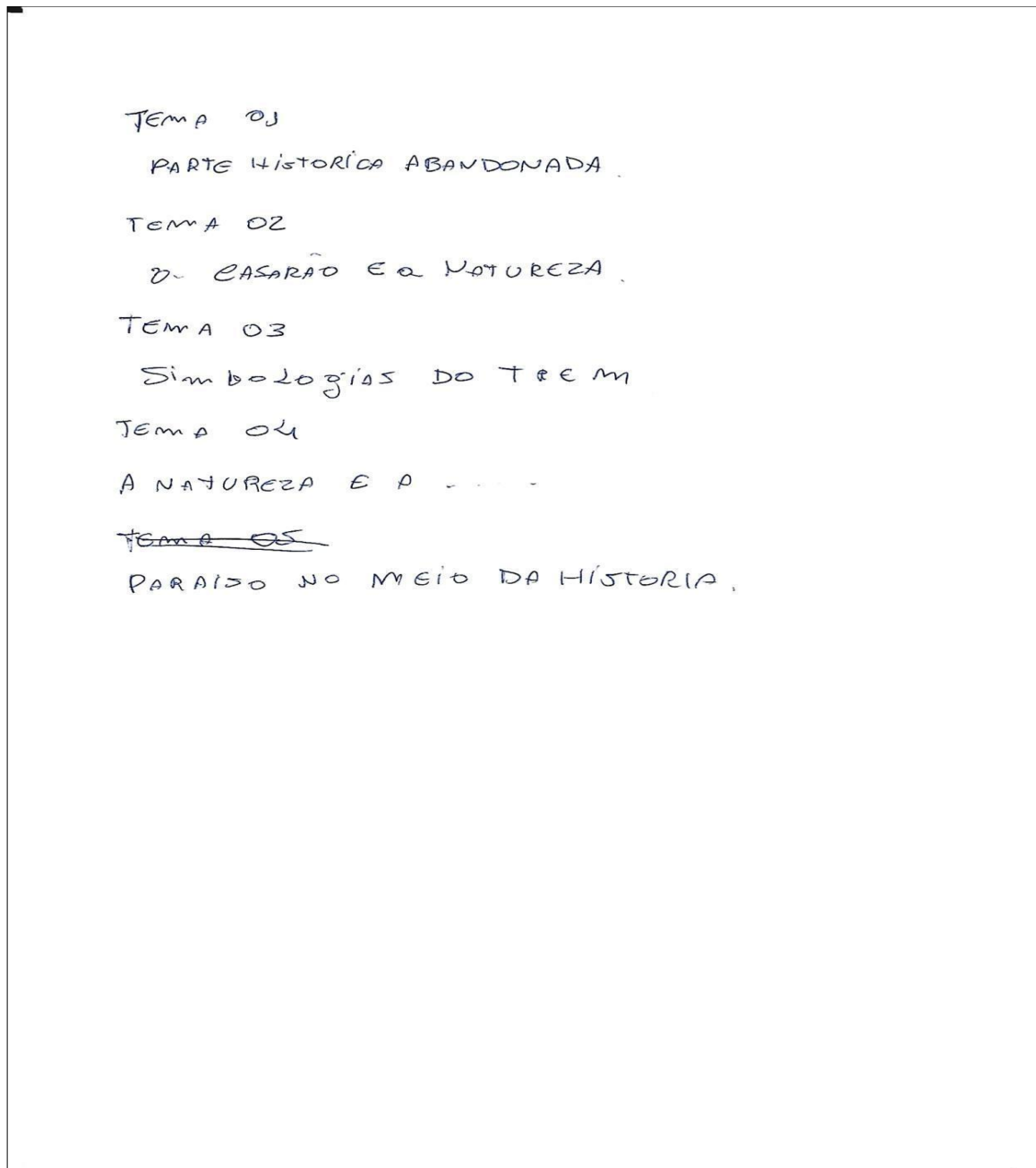
⁷⁰Encontra-se disponível em <https://www.aicinema.com.br/como-fazer-um-documentario/>. Acesso em 31 jan. 2024.

Figura 06 – Oficina de audiovisual no CETIPMCS



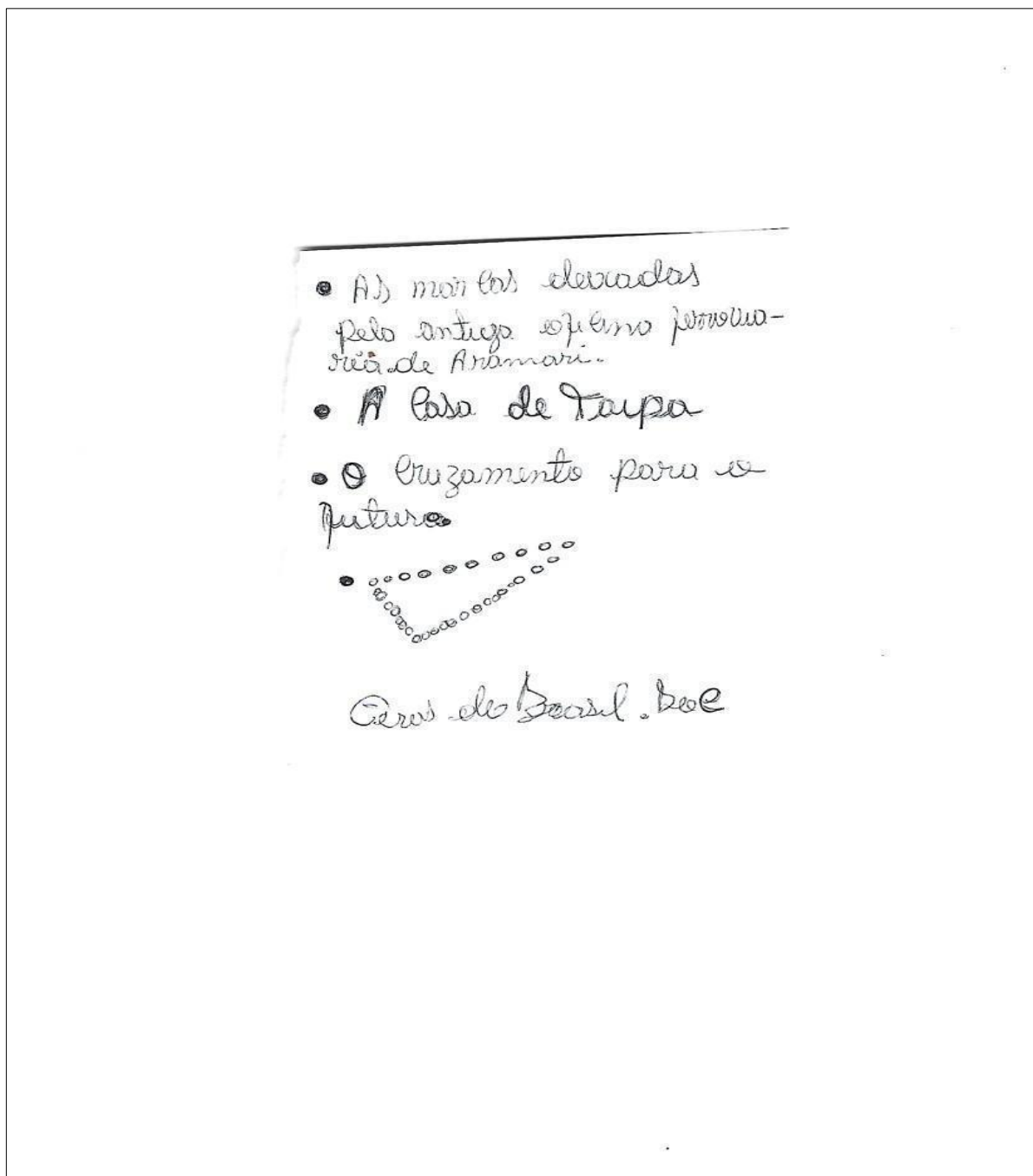
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Durante a atividade, é importante ressaltar que nem todos os participantes mostraram, ao outros integrantes o que foi produzido, embora todos eles tenham agido de forma muito colaborativa e predispostos a se lançarem na atividade que foi previamente explicada e estabelecida no ambiente de aplicação. Apesar disso, algumas observações podem ser feitas e aferidas sobre alguns destes títulos, escritos pelos membros integrantes da atividade pré-estabelecida, como mostra a sequência de figuras abaixo:

Figura 07 – Produção 1

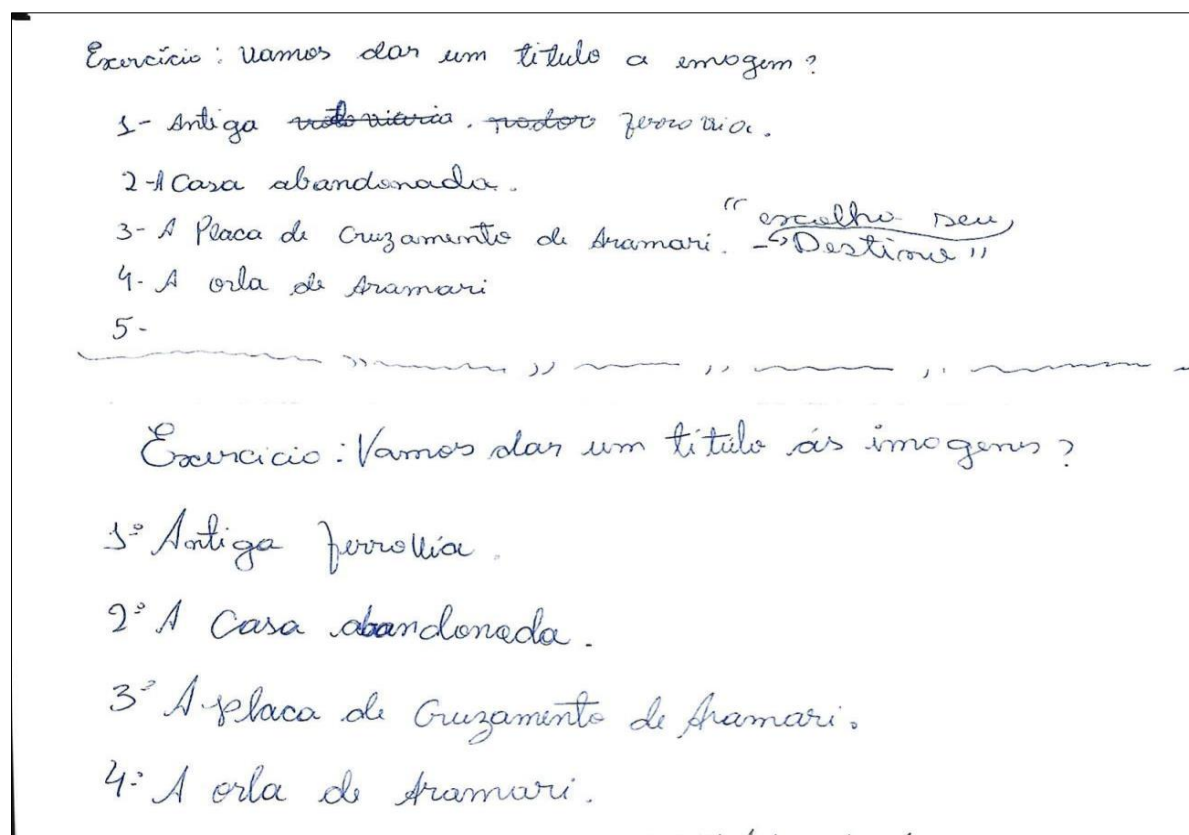
Fonte: Atividade obtida na oficina “A fonte & o tempo: um olhar da memória de um lugar” em 14 de julho de 2023.

Figura 08 – Produção 2

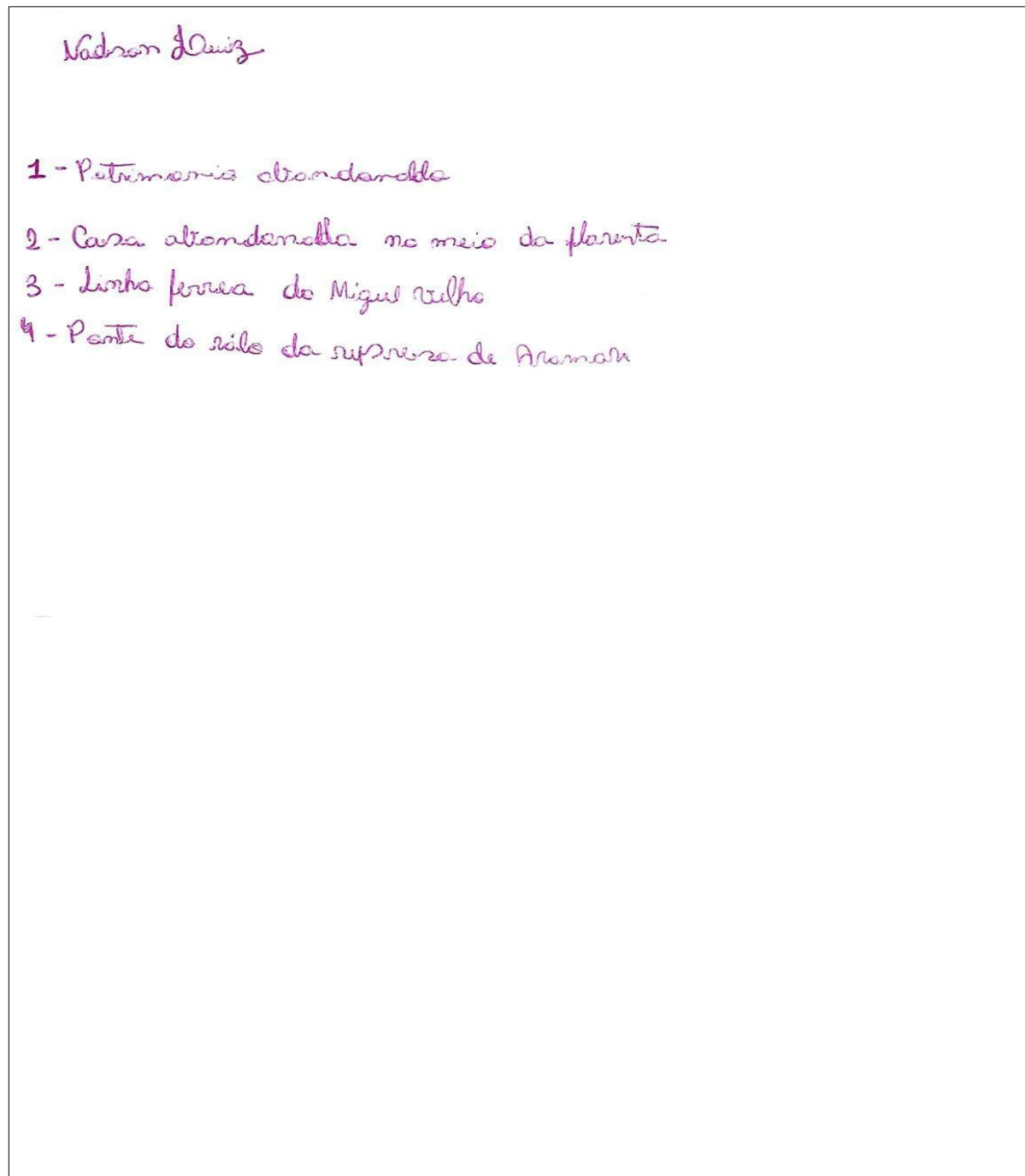


Fonte: Atividade obtida na oficina “A fonte & o tempo: um olhar da memória de um lugar” em 14 de julho de 2023.

Figura 09 – Produção 3

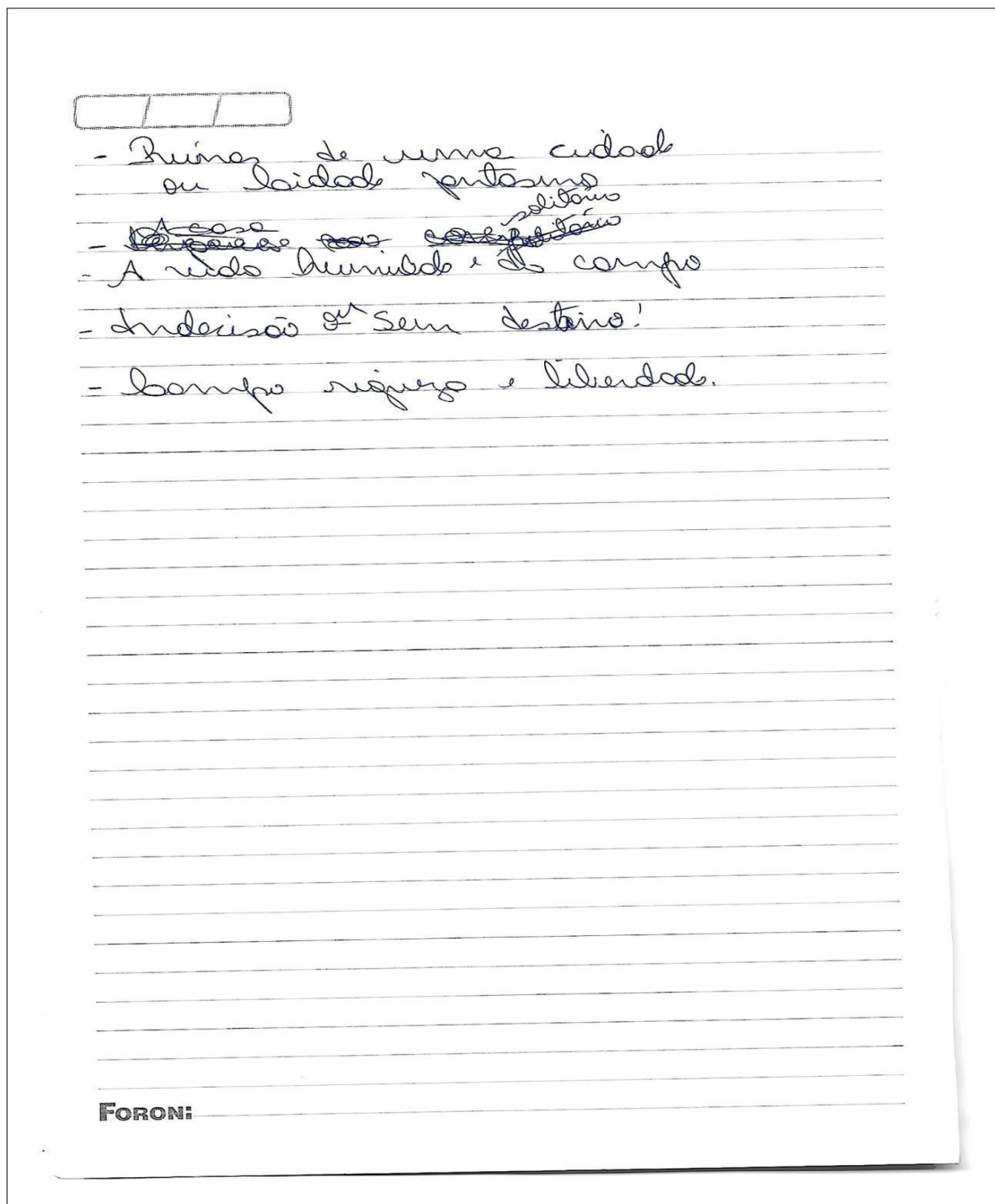


Fonte: Atividade obtida na oficina "A fonte & o tempo: um olhar da memória de um lugar" em 14 de julho de 2023.

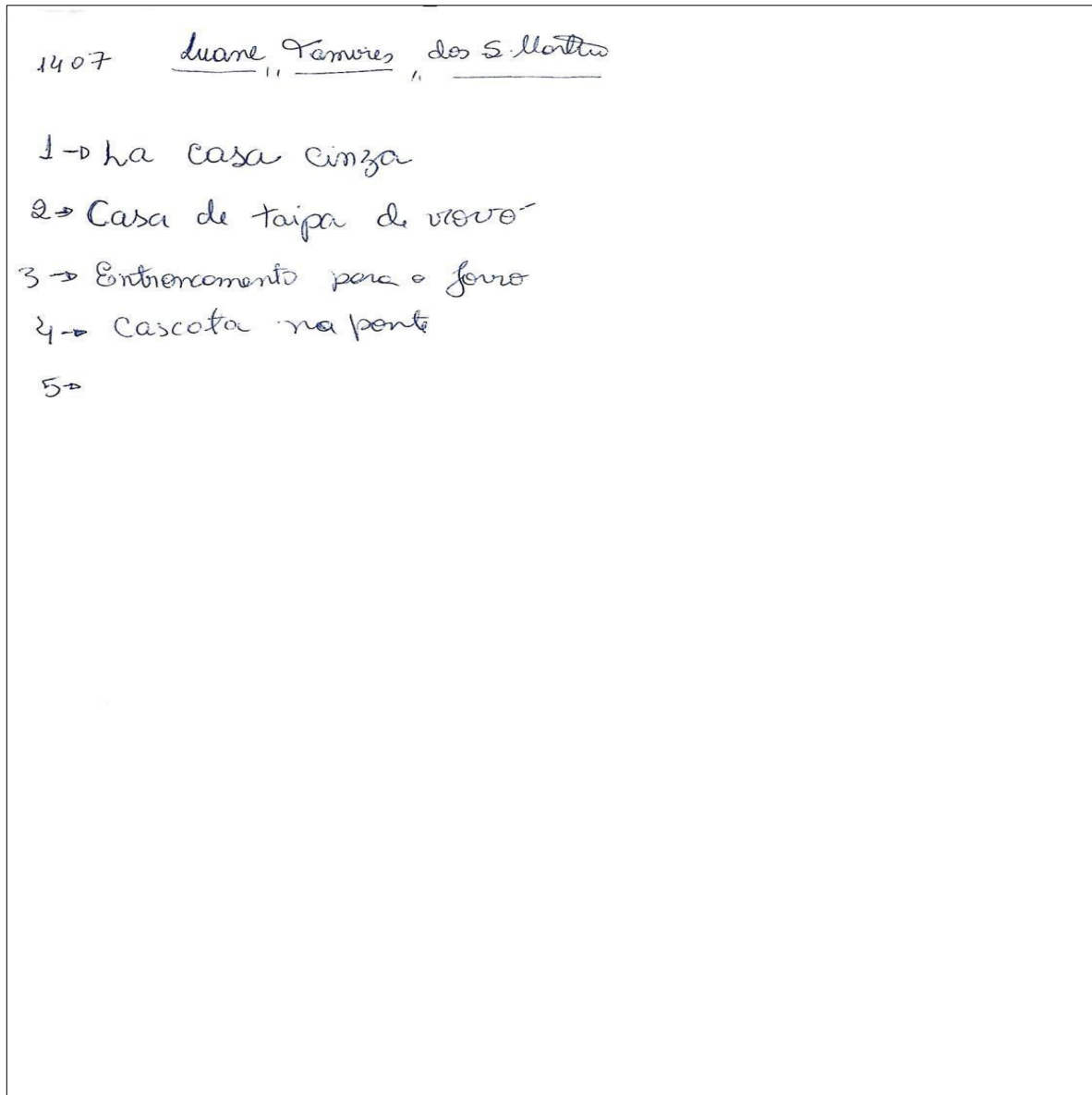
Figura 10 – Produção 4

Fonte: Atividade obtida na oficina “A fonte & o tempo: um olhar da memória de um lugar” em 14 de julho de 2023.

Figura 11 – Produção 5

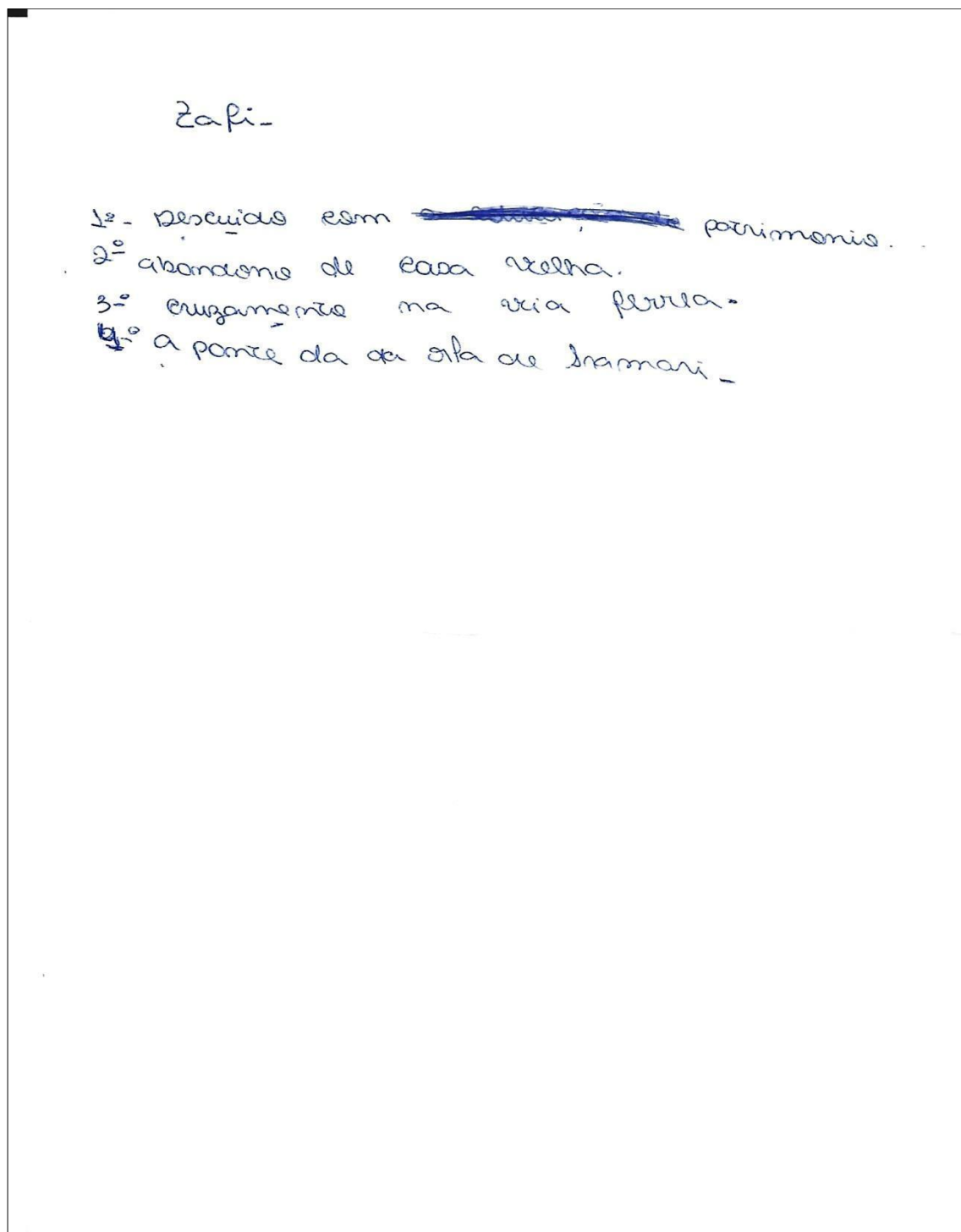


Fonte: Atividade obtida na oficina “A fonte & o tempo: um olhar da memória de um lugar”, em 14 de julho de 2023.

Figura 12 – Produção 6

Fonte: Atividade obtida na oficina “A fonte & o tempo: um olhar da memória de um lugar”, em 14 de julho de 2023.

Figura 13 – Produção 7



Fonte: Atividade obtida na oficina “A fonte & o tempo: um olhar da memória de um lugar”, em 14 de julho de 2023.

Sobre a experiência da dinâmica, observa-se como cada um descreve, à sua maneira, as imagens vistas durante a oficina, percebendo o seu lugar com um olhar diferente. Foram apresentadas a mesma imagem a todos (as) e cada participante deu um título.

Somente durante a socialização da dinâmica foi dito que as imagens eram locais, isto é, da própria cidade onde se realizara a oficina. Alguns mostraram-se surpresos com a revelação do local original das fotos. Outros já sabiam, mas não lembravam com precisão.

A atividade aplicada serviu como um exercício sobre como funciona a memória humana. Assim, o seu exercício, como algo inerente ao ser humano, bem como a sua capacidade de desenvolver habilidades criativas em relação às imagens foi valorizado. Posteriormente, foi oferecido aos participantes um certificado de participação, elaborado pela ministrante conforme o modelo feito no aplicativo *Canva*, formato JPG, papel A4.

3.2. Etapas da produção audiovisual sobre a estação Ferroviária São Francisco: do roteiro à pós-produção

O produto audiovisual foi dividido em três partes, intituladas “Estação 1 – Chegadas e partidas: a Estação São Francisco como objeto de estudo”; “Estação 2 – Metodologias para o ensino de história com o audiovisual”; “Estação 3 – Educação, cinema e história: como desenvolver a competência de ver filmes”.

Vale ressaltar que, a dissertação utilizou como bússola para chegar até aqui a estação ferroviária como objeto de pesquisa contextualizada em um período em que era ponto de partidas e chegadas no movimento dos trens de passageiros que circularam entre 1863 e 1989.

A partir disso, é notório constar que o potencial do audiovisual se insere na história local como elemento constitutivo, como uma espécie de símbolo, enraizando uma forma específica de estimular a curiosidade e, assim, tentar transportar para dentro da sala de aula a memória de um lugar que, ao longo do tempo, modificou-se a partir de ações humanas.

Portanto, o monumento não pode ser pensado, apenas, como um conjunto de tijolos, unidos por argamassa. Ele se insere na história local a partir do que representa para a cidade, a comunidade e seu uso como espaço de sociabilidade.

A preparação foi feita seguindo o passo a passo exemplificado abaixo, assim como a organização das etapas necessárias ao desenvolvimento de um produto audiovisual:

Figura 14 – Frame de apresentação 01

A ESTAÇÃO SÃO FRANCISCO NOS TRILHOS DO TEMPO: uma abordagem audiovisual como ferramenta pedagógica para o Ensino de História – Autora: Jeanne do N. Rezende



Fonte: Sequência de slides produzidas pela autora em Power point

Figura 15 – Frame de apresentação 02

ETAPAS DE REALIZAÇÃO DO PRODUTO AUDIOVISUAL - 1

1. TEMA

- ✓ Sabendo que um documentário tem vários estilos (“Docudrama”, Póético, Observativo, Histórico, Expositivo, Performático) o tema vai nortear o que se pretende com o que será produzido;
- ✓ A escolha do tema também precede o público alvo que se deseja alcançar;
- ✓ O desenvolvimento da temática, geralmente se dá a partir dos interesses do autor.

Fonte: Sequência de slides produzidas pela autora em Power point

Figura 16 – Frame de apresentação 03

ETAPAS DE REALIZAÇÃO DO PRODUTO AUDIOVISUAL – 2

2. ROTEIRO

- ✓ Escrever o roteiro que vai delimitar as ações necessárias à produção;
- ✓ Criar um roteiro a partir do tema para dar início às escolhas de local, iluminação e fotografias e filmagens.

Fonte: Sequência de slides produzidas pela autora em Power point

Figura 17 – Frame de apresentação 04

ETAPAS DE REALIZAÇÃO DO PRODUTO AUDIOVISUAL - 3

3. FILMAGENS

- ✓ Delimitar o tempo para realizar as filmagens em planilha de organização ou “planner”;
- ✓ A depender do produto, entre três a seis meses é possível;
- ✓ O produto em foco foram feitas filmagens entre maio de 2023 a janeiro de 2024, em diferentes locais e circunstâncias.

Fonte: Sequência de slides produzidas pela autora em Power point

Figura 18 – Frame de apresentação 05

ETAPAS DE REALIZAÇÃO DO PRODUTO AUDIOVISUAL - 4

4. EDIÇÃO DE IMAGEM E SOM

4.1. IMAGENS

- ✓ Aplicativos como o *Climpchamp*, *Canva* e *Adobe* foram usados na edição das imagens;
- ✓ Editor de vídeo do notebook (Lenovo G40);

4.2. SOM

- ✓ Aplicativo *Climpchamp* para edição das inserções de voz;
- ✓ Gravador de voz do notebook para as narrações (Lenovo G40).

Fonte: Sequência de slides produzidas pela autora em Power point

Figura 19 – Frame de apresentação 06

ETAPAS DE REALIZAÇÃO DO PRODUTO AUDIOVISUAL - 5

5. PÓS- PRODUÇÃO (DIVULGAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO)

- ✓ Por questão de baixo custo, toda a edição, fotografias, imagens, narração, roteiro foi feito pela autora.
- ✓ A divulgação feita com *card* e panfleto/folder exibindo o material, tanto nas escolas como em outros locais de interesse público e também em plataformas de vídeo como o *Youtube*.
- ✓ A primeira exibição ainda está sem data definida.

Fonte: Sequência de slides produzidas pela autora em Power point

3.3. *Bônus Track*: encarte educativo de divulgação do produto

Para divulgar melhor nosso projeto, entre as escolas interessadas no produto, foi criado o encarte abaixo. Nele contém um resumo sobre a história da cidade e a ligação com a ferrovia, Um QR Code de acesso ao mini documentário e o nome da autora. Card feito no Canva, papel A4, formato *folder*.

Figura 20 – Folder (Frente)



Fonte: Folder elaborado pela autora para divulgação do produto

Figura 21 – Folder (Verso)



BREVE HISTÓRIA DA ESTAÇÃO

A Estação Ferroviária São Francisco foi inaugurada em 13 de fevereiro de 1863. Atualmente é um dos principais monumentos do patrimônio histórico e cultural do Litoral Norte da Bahia.

O QUE É “NOS TRILHOS DO TEMPO”?

Um produto audiovisual criado enquanto ferramenta pedagógica para aulas de história, desenvolvido no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe.

PARA ACESSAR O MATERIAL AUDIOVISUAL CLIQUE NO QR CODE ABAIXO:

Profª Jeanne Rezende

@jeanne_nrezende

Fonte: Folder elaborado pela autora para divulgação do produto

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação, cujo objeto de pesquisa é a Estação Ferroviária São Francisco apostou na valorização da estação como monumento que persiste através do tempo, com diversas transformações do ponto de vista social, geográfico, econômico, cultural e político, de acordo com os movimentos humanos que formaram a cidade, a partir dos quais foi possível identificar um período de intensas movimentações regionais.

Nesse sentido, o presente trabalho traz, em sua materialidade, a possibilidade de identificação dos processos históricos, delimitados no recorte de pesquisa, ou seja, o período que compreende os anos de 1863 a 1989, em que havia trens de passageiros a circular na região. A delimitação do tema e as anotações para o estudo, tornaram o trabalho mais objetivo, à proporção que se avançava no cumprimento do prazo legal para a integralização das atividades do Programa.

Todas as instituições visitadas, as pessoas entrevistadas, as locações e filmagens no monumento, assim como o curso de cinema que a pesquisadora realizou na EBAC, ajudaram na formação do conteúdo tomado como base para o efetivo desenvolvimento desse trabalho, situando-o dentro da linha de pesquisa Linguagens e Narrativas históricas: produção e difusão, no programa de mestrado profissional do PROFHISTÓRIA.

Os fatos apresentados ao longo dos três capítulos, bem como a construção de um produto audiovisual sobre a estação ferroviária – enquanto objeto que representa parte da história da cidade de Alagoinhas (BA), indicam a possibilidade de unir tecnologias digitais e seu aparato dinâmico, ao ensino de uma história local, trazendo o agente da história como protagonista das transformações no presente.

Nesse sentido, discutiu-se a formação da competência crítica de assistir filmes como uma parte importante da compreensão, tanto de quem produz, quanto de quem consome um produto audiovisual. Consideramos os sujeitos agentes da história como transformadores da realidade, apresentando uma forma de incentivar a participação dos alunos a partir da conexão história local-audiovisual.

Dessa forma, tornou-se possível usar recursos baratos para melhorar a experiência no ensino de história. Além disso, este produto foi realizado de forma independente, como uma maneira de mostrar que é possível fazer uma produção de baixo custo e, mesmo assim, melhorar a experiência de ensinar história.

Dito isto, foi possível tirar, como conclusão, a partir da construção de oficinas, cards de divulgação, utilização de materiais, fontes diversas e produção de um documentário sobre nosso

objeto de pesquisa, de que com a devida adequação, as fontes históricas podem suscitar a curiosidade, sobretudo em um mundo tão conectado. Constatou-se que, através de ideias simples, oriundas da sala de aula, tanto a preservação dessa história, quanto a conexão das pessoas com a sua identidade histórico-cultural, podem celebrar o conhecimento e os saberes populares.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir do mapeamento de uma bibliografia que trouxe teórico-metodológicos que agregaram conhecimentos sobre teorias da história, pedagogia e ensino de história, cinema e audiovisual. ao dividir em blocos de conhecimentos e observando obras publicadas na atualidade a respeito do tema central, foi possível produzir as duas partes ora apresentadas. A dissertação e o produto audiovisual.

Dificuldades surgiram quando da escolha e aplicabilidade da pesquisa e da escrita para a criação de um roteiro em que as escolhas fossem colocadas com a devida objetividade, haja visto que, todo o percurso ocorreu em paralelo às atividades laborais. No entanto, a percepção aqui é de que a aplicabilidade precisou encontrar seu lugar entre os estudantes, cuja observação do cotidiano reflete o retorno da própria pesquisa para a educação instrutiva.

A aplicação do formulário elaborado no *Google Forms* parecia que seria o método mais prático e simples. No entanto, algumas pessoas não conseguiram acessar corretamente ou mesmo esqueceram de preenchê-lo, apesar de ter sido colocado em um período relativamente extenso (setembro 2023 a janeiro de 2024). Coincidência ou não, a maioria das pessoas que responderam ao formulário sobre história local, fizeram sua participação no mês de janeiro, durante o período das férias escolares. Por esse motivo, apenas as informações mais relevantes para a construção da pesquisa foram apresentadas na dissertação.

Os filmes trazem um suporte pedagógico às aulas de história, desde que esteja dentro de um planejamento acerca do objetivo proposto. Daí, pode-se também criar materiais a partir das necessidades de cada comunidade escolar, integrando a identidade e o pertencimento no ensino de história.

Ao fim dessa jornada, segue-se, então, o ímpeto de caminhar em frente, com “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, como dizia Glauber Rocha, mas sempre em busca de formas distintas de melhorar a prática docente e de trazer, aos estudantes, dinâmicas de compreensão da complexidade do mundo, dos fatos e das construções histórico-culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Mayara Mychella Sena. A estrada de ferro Bahia ao São Francisco e a configuração urbana da cidade de Alagoinhas-Bahia. **XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e pesquisa em planejamento urbano e regional**. v. 12 n. 1. Belém/PE - 21 a 25 de maio de 2007.

ARIÈS, Philippe. **O tempo da História**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

BARCA, Isabel. Educação histórica: uma nova área de investigação. **Revista da Faculdade de Letras. HISTÓRIA**. Porto, vol. 2, 2001, p. 13-21.

BARREIRA, Américo. Alagoinhas e seu município. Notas e apontamentos para futuro. Alagoinhas: Typografia do Popular, 1902. In: GONÇALVES, Aline Najara. **Os “vultos e feitos” de “Alagoinhas e seu município”: uma memória do pós-abolição no interior da Bahia**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº 49, 2019.

BARROS, José D’Assunção. Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes filmicas. **Comunicação & Sociedade**, ano 32, n. 55, p. 175-202, jan./jun. 2011.

BARROS, Salomão Antonio. **Vultos e feitos do Município de Alagoinhas**: reconstituindo o passado e descrevendo o presente. Salvador, Artes Gráficas:1979.

BENÉVOLO, Ademar. **Introdução à história ferroviária do Brasil**: estudo social, político e histórico. Recife: Edições Folha da Manhã, 1953.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. **Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014**. Diário Oficial da União, Seção 1, 27 jun. 2014, Brasília, DF. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13006-26-junho-2014-778954-publicacaooriginal-144445-pl.html>. Acesso em 13 ago. 2023.

CAIMI, Flavia Eloisa. O que precisa saber um professor de História? **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2, p. 105-124, jul./dez. 2015.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CRUZ, Josemar de Medeiros. **De volta para o futuro: os usos de filmes para a compreensão do tempo no ensino de história**. 2020. 241 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Regional do Cariri – URCA, Crato, 2020.

DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes. **Infraestrutura Ferroviária**. Disponível em: <https://www.gov.br/dnit/pt-br/assuntos/ferrovias>. Acesso em: 12 jan. 2024.

DW Brasil. Como o Brasil destruiu suas ferrovias – e por que isso não deve ser superado tão cedo. **Youtube**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Bp_LNqJmZ9w. Acesso em 12 jan. 2024.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. 3 ed. - Belo Horizonte: autêntica Editora, 2009. 104p.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

FRANÇA, Beatriz; FRANÇA, Bernardo. A importância da invenção dos irmãos Lumière para a história do cinema. **Revista Galileu**, 28 dez. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2020/12/importancia-da-invencao-dos-irmaos-lumiere-para-historia-do-cinema.html>. Acesso em: 12 jan. 2024.

FREIRE, Paulo. **1921 – 1997 Pedagogia do oprimido: (o manuscrito)** / Paulo Freire; Jason Ferreira Mafrá; José Eustáquio Romão; Moacir Gadotti (Org). 1. Ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire: Universidade Nove de Julho (UNINOVE); Big Time Editora/BT Acadêmica, 2018.

LE GOFF, Jacques. **1924 - História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Keite Maria Santos do Nascimento. Alagoinhas no século XIX: Configuração e ordenação dos espaços de uma nova cidade (1868-1880). In: BATISTA, Eliana Evangelista (Org.). **Alagoinhas: história e historiografia**. Alagoinhas: Quarteto/ FIGAM, 2015.

GRINSPUM, Isa (dir.). **Marighella** (2012). Documentário. Narração: Lázaro Ramos. Disponível em: <http://www.netflix.com.br/>. Acesso em 19 abr. 2024.

MAYNARD, Andreza S.C. **De hollywood a Aracaju: antinazismo e cinemas durante a segunda guerra mundial**. Autografia Editora. 1ª edição. EDUPE, 2021, 282p.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de História** – SP, vol. 13, n. 25 e 26, p. 143-162, set. 1992/ago. 1993.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NASCIMENTO, Regina Maria Lassance de O. **O conceito de tempo histórico na formação inicial do professor de história**. 2002. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pós-Graduação do Centro de Ciências da Educação CED/UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. Proj história. São Paulo, 10 de dez. de 1993.

PELEGRINI, Sandra. Entre armadilhas e artimanhas: o despertar da cidade e a preservação dos seus bens patrimoniais. In: MAGALHÃES, Leandro Henrique; ZANON, Elisa Roberta; BRANCO, Patrícia Martins Castelo (ORG.). **Construção de políticas patrimoniais: ações**

preservacionistas de londrina, região norte do Paraná e Sul do país. Londrina: EdUniFil, 2009.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RALEJO, Adriana Soares; MELLO, Rafaela Albergaria; AMORIM, Mariana de Oliveira. BNCC e Ensino de História: horizontes possíveis. **Educar em Revista**, Curitiba, vol. 37, e77756, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.77056>. Acesso em: 25 jan. 2023.

RAUL SEIXAS. Entrevista no programa “Música Popular Brasileira”. **Youtube**, 14 set. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sq9iubo5p_w. Acesso em: 12 jan. 2024.

RAUL SEIXAS. **O Trem das Sete**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1974. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/raul-seixas/o-trem-das-sete.html>. Acesso em: 12 jan. 2024.

ROCHA, Eryk; POSADA, Juan. **Cinema Novo** (2016). Produção Coqueirão Pictures e Aruac Filmes em Coprodução com Canal Brasil e FM Produções. Elenco: Nelson Pereira dos Santos, Carlos Diegues, Joaquim Pedro de Andrade.

RÜSEN, Jörn. **Jörn Rüsen e o ensino de história, Aprendizado histórico**. Organizadores: Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevão Rezende Martins. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Tradução de Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010. 188p.

SANTOS, Leila Carla Rodrigues dos. **A igreja inacabada e a estação ferroviária: memórias e monumentos em Alagoinhas-Bahia**. 2010. 144 f. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional). Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Santo Antônio de Jesus, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Paulo Santos. **Narrar uma cidade: história e historiografia**. In: BATISTA, Eliana Evangelista (Org.). **Alagoinhas: história e historiografia**. Alagoinhas: Quarteto/ FIGAM, 2015.

SILVA, Vitaly Costa e. **O aprendizado da linguagem cinematográfica como suporte para a promoção da consciência crítica nas aulas de História**. 2020. 112 f. Dissertação (Mestrado de História). Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SIZÍLIO, Ricardo José. Uma cidade vermelha: Alagoinhas, pórtico comunista do interior baiano. **Revista Convergência Crítica**, Dossiê: História Urbana, n. 10, 2016. Núcleo de Pesquisa e Estudos em Teoria Social – NEPETES, UFF.

SOUKEF JR, Antonio. Arquitetura de ferro. In: VASQUEZ, Pedro (Org.). **Coleção História Viva - Caminhos do trem: a conquista do trem**. São Paulo: Dueto Editorial, 2008.

SOUZA, Manoel de Jesus Manito de. **O ensino de História em sons e imagens: Patrimônio histórico- cultural, memórias e olhares do presente na produção de um documentário sobre a base aérea de Igarapé-Açu.** 2021. 197 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2021.

THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva (Org.). Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

ZANINELLI, Thais *et al.* Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Gerações X, Y e Z, Geração Polegar e Geração Alfa: perfil geracional dos atuais e potenciais usuários das bibliotecas universitárias. **Brazilian Journal of Information Studies: Research trends**, vol. x, 2022, e02143. DOI: 10.36311/1981- 1640.2022.v16.e02143.

ZORZO, Francisco Antônio. **Ferrovias e Rede Urbana na Bahia: doze cidades conectadas pela ferrovia no Sul do Recôncavo e Sudoeste Baiano (1870/1930).** Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.

ANEXO A – NOTIFICAÇÃO DA TRANSFERÊNCIA FORMAL PARA O PATRIMÔNIO DA UNIÃO DA ESTAÇÃO SÃO FRANCISCO (2008).

URGENTE

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO
SECRETARIA DO PATRIMÔNIO DA UNIÃO
GERÊNCIA REGIONAL DO PATRIMÔNIO DA UNIÃO NA BAHIA
Av. Frederico Pinna nº 03 - Ed. do Ministério da Fazenda, 7º andar, sala 700 - Centro
CEP 40015-350 - Salvador / BA E-mail: grpu@patrimonio.gov.br
Tel.: (71) 3254-5437/5447/5449

Ofício nº 4152008/GAB/GRPU/BA

Salvador, 01 de abril de 2008

A Sua Senhoria, o Senhor
LEONARDO FALANGOLA
Superintendente Regional do IPHAN
7ª Superintendência Regional - Bahia
Casa Berquó - Rua Visconde de Itaparica, nº 08, Centro - Barroquinha
Salvador - BA
CEP: 40.020-080

PROTOCOLADO IPHAN
01502. 00960/08-91
Recebido: 02/04/08

Renilso Soares Rocha
Mat.: 224157

Assunto: Notificação da transferência formal para o patrimônio da União da Estação São Francisco, imóvel não operacional oriundo da extinta RFFSA localizado em Alagoinhas/BA

Prezado Superintendente,

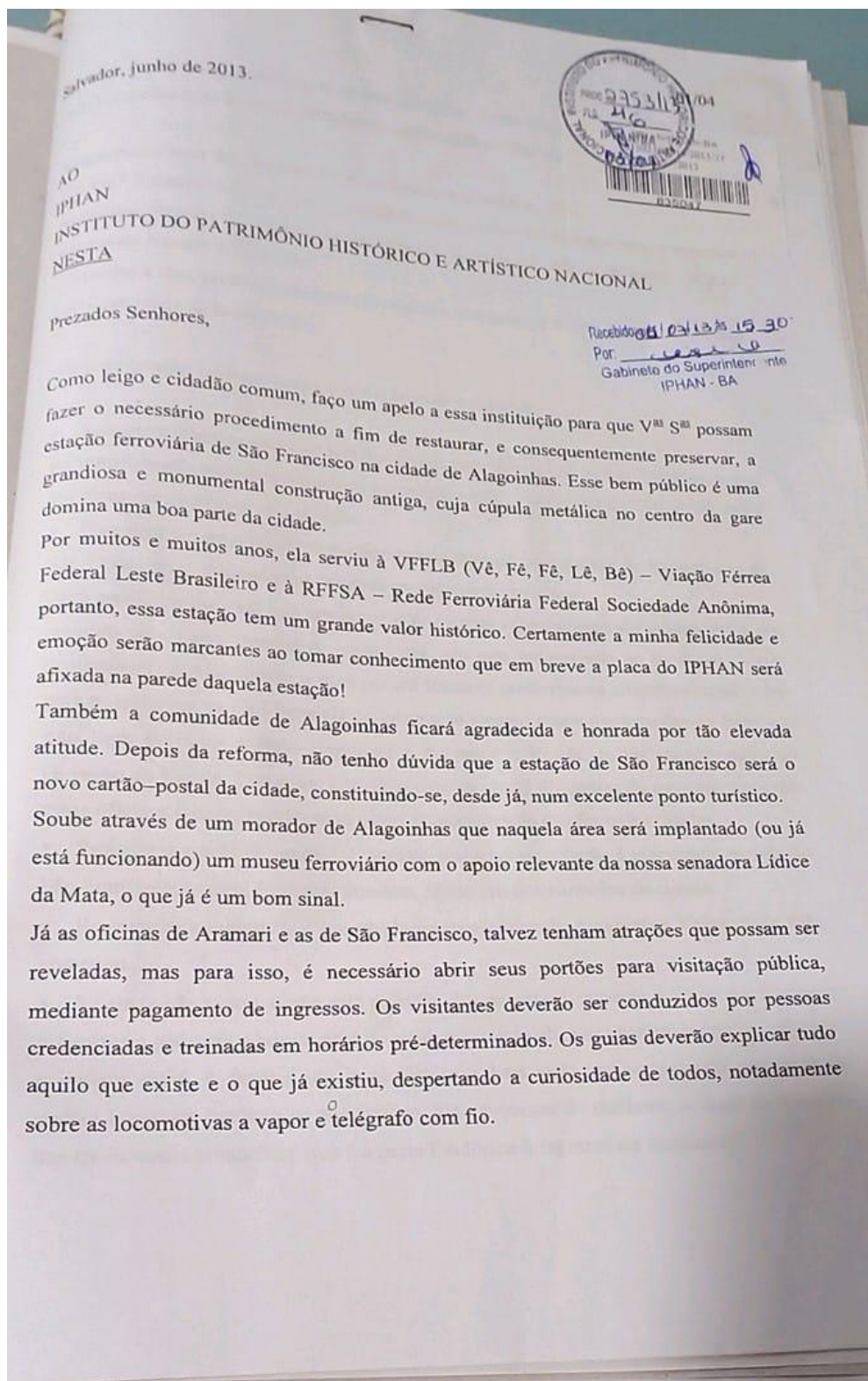
- Cumprimentando-o cordialmente, venho por meio desta informar que a Estação São Francisco, imóvel não operacional oriundo da extinta Rede Ferroviária Federal S.A. - RFFSA localizado em Alagoinhas/BA, foi transferido formalmente ao patrimônio da União por meio do Termo de Transferência nº 016/2008, datado de 22 de fevereiro de 2008.
- O Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, por intermédio desta Secretaria, assume a partir de então a responsabilidade sobre a documentação, as informações e a base de dados cadastrais relativos ao referido imóvel, bem como a incumbência de providenciar a guarda, a regularização e a destinação desse bem.
- Diante do exposto e em observância ao disposto no Art. 9º da Lei n.º 11.483, de 31 de maio de 2007, que atribui ao IPHAN a responsabilidade pelo recebimento e administração dos bens móveis e imóveis de valor artístico, histórico e cultural oriundos da extinta Rede Ferroviária Federal S.A. - RFFSA, solicito a avaliação e manifestação dessa entidade quanto ao enquadramento da Estação Ferroviária São Francisco na referida disposição legal, bem como ao interesse do órgão em requerer a cessão deste imóvel com o objetivo de perpetuar a memória ferroviária e contribuir para o desenvolvimento da cultura e do turismo, conforme prevê o art. 7º, Parágrafo único, do Decreto n.º 6.018, de 22 de janeiro de 2007.

Adianto que a Lei n.º 11.483, em seu art. 21, prevê a cessão provisória de bens imóveis não-operacionais quando, nos termos do art. 6º do Decreto n.º 6.018, "houver urgência na entrega em razão da necessidade de proteção ou manutenção do imóvel, regularização dominial ou interesse público".

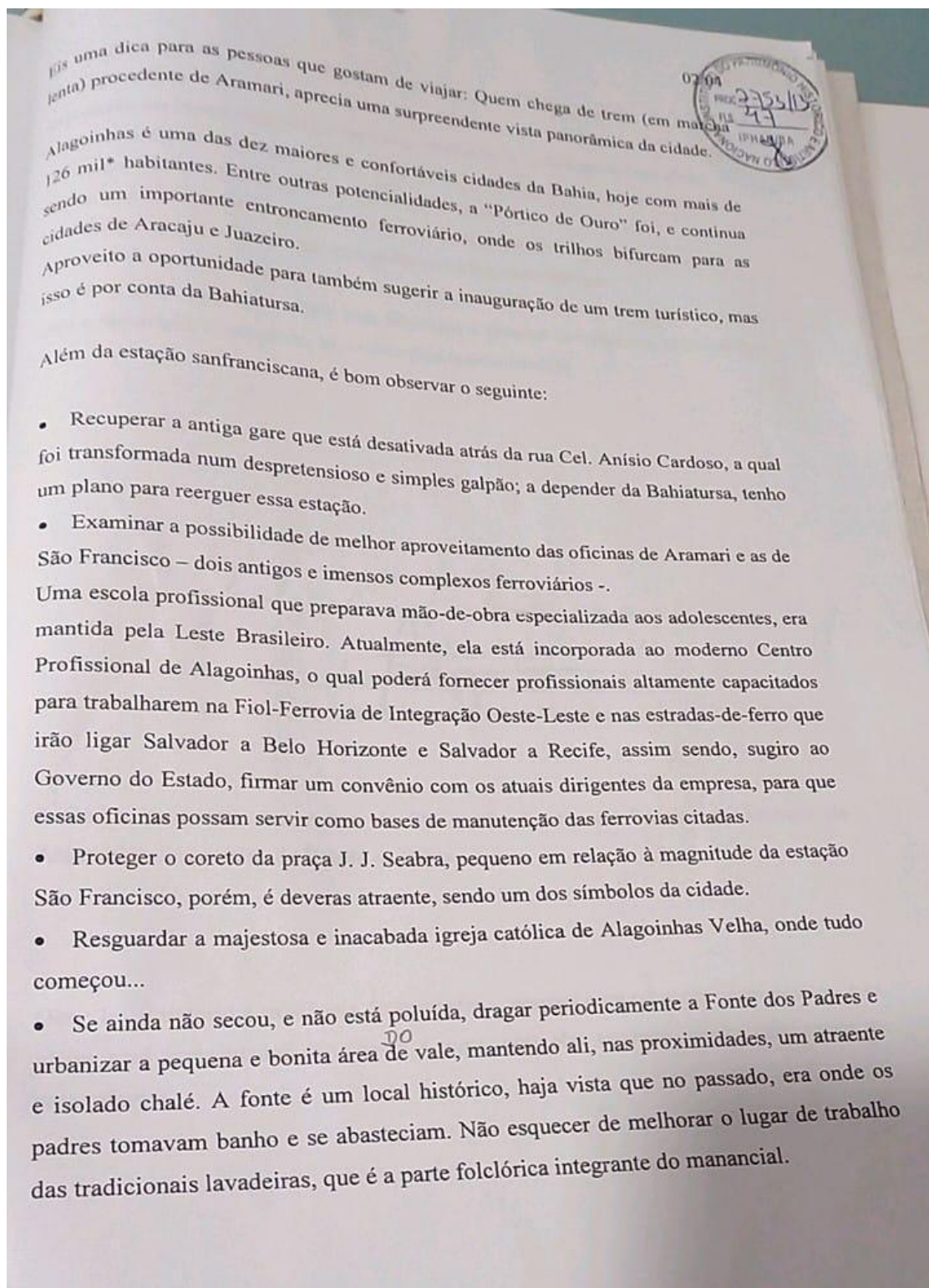
Atenciosamente,

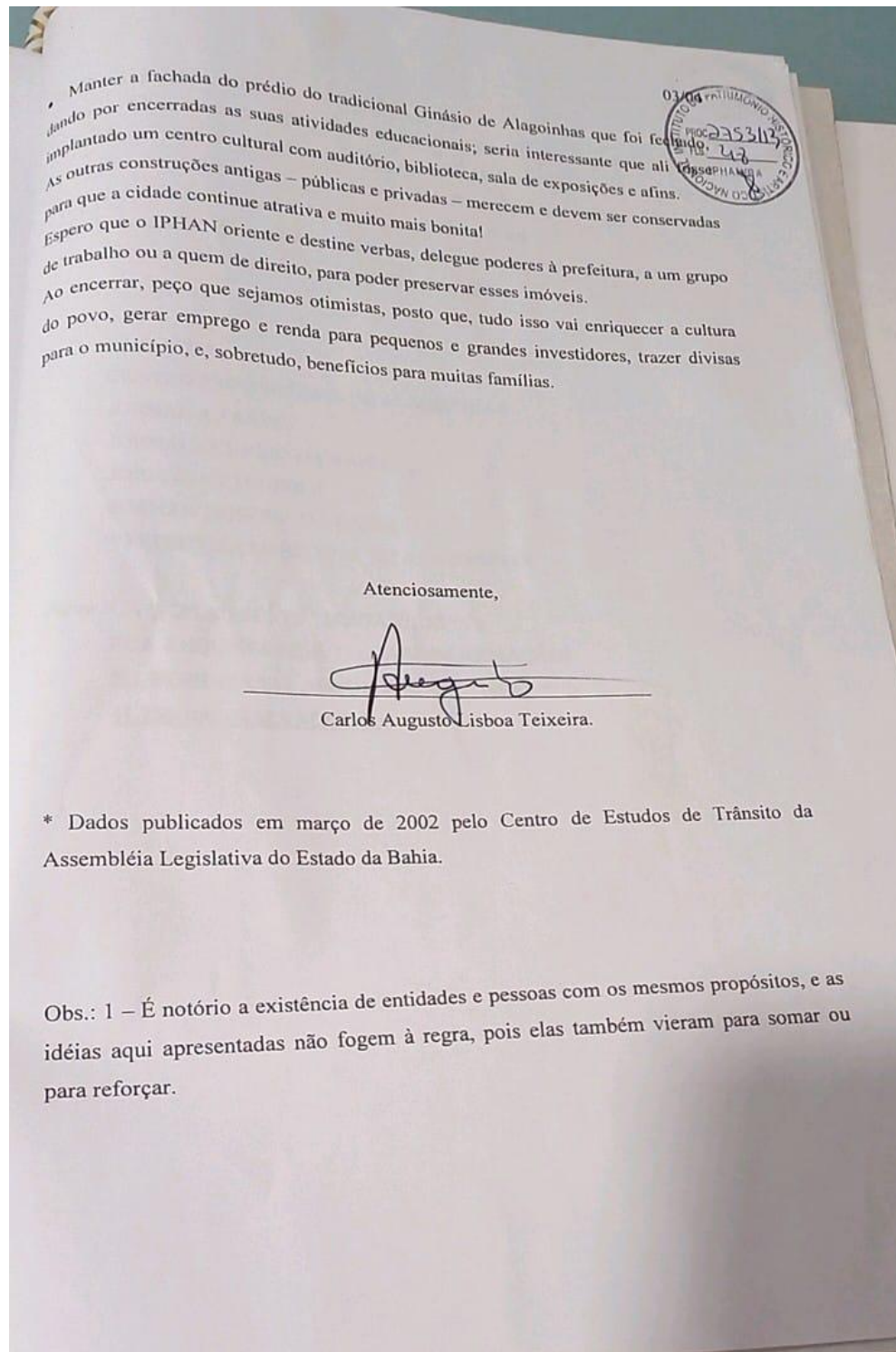
ANA LÚCIA VILAS BOAS
Gerente Regional do Patrimônio da União na Bahia

ANEXO B - SOLICITAÇÃO AO IPHAN (2013) – FOLHA 01.



ANEXO C - SOLICITAÇÃO AO IPHAN (2013) – FOLHA 02



ANEXO D - SOLICITAÇÃO AO IPHAN (2013) – FOLHA 03.

**ANEXO E – FORMULÁRIO SOBRE HISTÓRIA LOCAL PRODUZIDO PELA AUTORA –
FOLHA 01.**

24/01/2024, 20:08

Formulário sobre história local

Formulário sobre história local

Formulário para fins de entrevista de pesquisa
acadêmica.

Este é um dos instrumentos da
pesquisa acadêmica da estudante Jeanne do Nascimento Rezende para o PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE
SERGIPE. Tema da pesquisa: **NOS TRILHOS
DO TEMPO: UMA ABORDAGEM AUDIOVISUAL DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA SÃO
FRANCISCO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA AULAS
DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO (ALAGOINHAS/BA).**

* Indica uma pergunta obrigatória

1. E-mail *

2. IDENTIFICAÇÃO - NOME COMPLETO *

3. DATA *

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

4. PROFISSÃO *

**ANEXO F – FORMULÁRIO SOBRE HISTÓRIA LOCAL PRODUZIDO PELA AUTORA –
FOLHA 02.**



24/01/2024, 20:08

Formulário sobre história local

5. ONDE VOCÊ TRABALHA? (SE FOR ESTUDANTE, COLOCAR O NOME DA INSTITUIÇÃO) *

6. ONDE RESIDE? (A CIDADE E O ESTADO) *

7. É RESIDENTE DE ALAGOINHAS HÁ QUANTO TEMPO? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1. ENTRE 1 A 5 ANOS
☐ 2. ENTRE 5 A 10 ANOS
☐ 3. HÁ 10 ANOS OU MAIS
☐ 4. NÃO SE APLICA

8. QUAL A SUA IDADE? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1. 18 A 25 ANOS DE IDADE
☐ 2. 25 A 35 ANOS DE IDADE
☐ 3. 35 A 45 ANOS DE IDADE
☐ 4. MAIS DE 45 ANOS DE IDADE

9. AUTORIZAÇÃO - Autoriza para fins de pesquisa acadêmica a utilização deste formulário de questões referentes ao tema da pesquisa da autora acima mencionada? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

QUESTÕES SOBRE A ESTAÇÃO SÃO FRANCISCO LOCALIZADA NO LITORAL NORTE
E AGRESTE BAIANO

**ANEXO G – FORMULÁRIO SOBRE HISTÓRIA LOCAL PRODUZIDO PELA AUTORA –
FOLHA 03.**

24/01/2024, 20:08

Formulário sobre história local

10. 1. Conhece as cidades de Alagoinhas e Aramarí como parte da região de identificação *
"Litoral Norte e Agreste Baiano?"

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

☐ Outro: _____

11. 2. Para você patrimônio cultural material e imaterial se refere a... *

Marcar apenas uma oval.

☐ 1. Documentos e livros escritos

☐ 2. Monumentos e construções

☐ 3. Depoimentos de pessoas e suas memórias, alimentos e festas

☐ 4. Fotografias e filmes

☐ Todas as opções

☐ Outro: _____

12. 3. Sobre patrimônio histórico, você identifica na cidade de Alagoinhas lugares em que *
exista algum tipo de patrimônio histórico da cidade?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

☐ Talvez

13. 4. A Estação Ferroviária São Francisco, localizada no centro da cidade de Alagoinhas, *
pode ser considerada parte da história e da cultura da cidade ou mesmo da região?

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

☐ Outro: _____

**ANEXO H – FORMULÁRIO SOBRE HISTÓRIA LOCAL PRODUZIDO PELA AUTORA –
FOLHA 04.**

24/01/2024, 20:08

Formulário sobre história local

14. 5. Ao observar a Estação Ferroviária São Francisco, ocorre alguma memória sobre algum fato relacionado com o monumento que se destaca na sua vida ou da sua família ou mesmo do uso do transporte ferroviário? *

15. 6. Uma produção audiovisual (filme/documentário) que mostrasse uma abordagem da história da Estação ferroviária e da ferrovia, poderia contribuir para contar uma parte da história local e servir como ferramenta educativa para professores e estudantes? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 1. Sim
☐ 2. Não
☐ 3. Talvez
☐ Outro: _____

16. 7. A história local através da ferrovia encontra-se preservada para conhecimento das gerações futuras? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não
☐ Talvez
☐ Outro: _____

**ANEXO I – FORMULÁRIO SOBRE HISTÓRIA LOCAL PRODUZIDO PELA AUTORA –
FOLHA 05**

24/01/2024, 20:08

Formulário sobre história local

17. 8. O que representa a Estação São Francisco para você? *

18. 9. Como é no presente a sua percepção sobre a história no que se refere ao que o sr./sra entende como importante para preservar que identifica a cidade de Alagoinhas?

Marcar apenas uma oval.

☐ Opção 1

19. 10. As modificações no espaço urbano são constantes, pois corresponde a diferentes * necessidades das pessoas ao longo do tempo. Que tipo de uso social do espaço da Estação São Francisco poderia ser aplicado atualmente no que se refere à sua plena disponibilidade para a população enquanto espaço da memória de um lugar?

20. 11. Caso possa dar entrevista gravada para contribuir com o produto audiovisual, responda abaixo.

Marcar apenas uma oval.

☐ SIM

☐ Outro: _____

Este formulário foi criado e aprovado pelo Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXO J – SOLICITAÇÃO PARA LOCAÇÃO E FILMAGENS NA ESTAÇÃO SÃO FRANCISCO (2023)

À Secretaria de Cultura e turismo do município de Alagoinhas
 Ilm^a Secretária Municipal de Cultura Esporte e Turismo Sr^a Iraci Gama Santa Luzia,

Eu, Jeanne do nascimento Rezende, CPF: 87009706549, residente à rua: Roque Nascimento, nº66, Parque Regente, Alagoinhas (BA), professora da rede básica de ensino e estudante do Programa de Pós-graduação Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe, matrícula 202211002352 venho por meio deste solicitar de V.Sr^a autorização para locação de filmagens nas partes interna e externa da Estação São Francisco e adjacências com vista para a composição do produto para conclusão do trabalho de dissertação de estudos de mestrado no Programa de Pós-graduação acima citado.

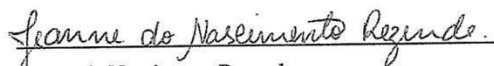
O produto em fase de construção da produção e roteiro, serão pílulas documentais audiovisuais de curta duração cujo objeto será a Estação São Francisco para fins de compreensão da importância da educação patrimonial no ensino de história.

Solicito, portanto, autorização para filmagens, locação interna e externa, se possível com amparo de segurança da Guarda Municipal na área designada como apoio às filmagens, para a finalidade anteriormente mencionada no período de agosto do ano corrente a março de 2024 a fim de contribuir com estudos da história local do Litoral Norte e Agreste Baiano.

Uma vez tendo o aceite da autorização para filmagens, apresentarei o cronograma de filmagens entre os meses de setembro e dezembro de 2023.

Agradecendo desde já pela atenção, aguardo retorno pessoalmente em audiência com V. Sr^a ou nos contatos que seguem: 75 999- / jnrezend@gmail.com / jeannerezende@academico.ufs.br

Cordialmente,


 Jeanne do Nascimento Rezende.

Alagoinhas, 25, agosto de 2023

Recebido em Cartão de Hs.

29-08-2023

As 11:08h

**ANEXO K – DOCUMENTO DE SOLICITAÇÃO DE ENTREVISTA À SECRETÁRIA DE
CULTURA, ESPORTE E TURISMO DE ALAGOINHAS (BA)**

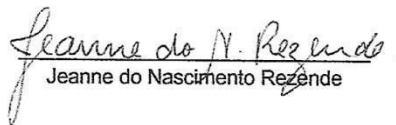
Eu, Jeanne do Nascimento Rezende, CPF: 87009706549, residente na rua Roque Nascimento, nº66, Alagoinhas (BA), venho através deste solicitar uma entrevista com V.Srª para compor informações sobre a Estação São Francisco e a ferrovia, bem como sobre vossa obra em torno deste tema em virtude da construção de um produto documental sobre a Estação São Francisco que compõe a dissertação de Mestrado da referida mestranda no Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe, em andamento.

O título desta pesquisa chama-se “Nos trilhos do tempo: as ferrovias do Nordeste baiano e o Ensino de História” e adere ao tema das ferrovias e de educação patrimonial conforme prosseguem os estudos, a construção do produto e a sua consequente finalização.

Desde já expresso meus sinceros agradecimentos e aguardo contato com o melhor local e data para a realização da entrevista.

Contatos: 75 999- /  / jnrezend@gmail.com / jeanne.rezende@academico.ufs.br

Cordialmente,


Jeanne do Nascimento Rezende

Alagoinhas, _____ de _____ de 2023

Recebido em
23/03/2023


ANEXO L – DOCUMENTO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO CONFORME A LGPD



Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) -
Universidade Federal de Sergipe.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO Eu,

_____, CPF _____,
_____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos,

procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar
ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente
termo, as pesquisadoras professora Jeanne do Nascimento Rezende e professora Dr^a
Andreza Santos Cruz Maynard (Orientadora) do projeto de pesquisa intitulado “NOS
TRILHOS DO TEMPO: UMA ABORDAGEM AUDIOVISUAL DA ESTAÇÃO SÃO
FRANCISCO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA AULAS DE
HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO (ALAGOINHAS/BA)” a realizar as fotos/filmagem
que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros
a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos/imagens (seus
respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros,
artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima
especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das
crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/
1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com
deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).
Alagoinhas/BA, vb _____/_____/_____. Entrevistado

_____. Responsável

Legal CPF e IDT (Caso o entrevistado seja menor - incapaz)

_____. Pesquisador responsável

pela entrevista Jeanne do Nascimento Rezende.